



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

Isabella Valentina Conceição Barros

TRANSBELLA:

Uma cartografia poética de um corpo em transformação

BELÉM
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

Isabella Valentina Conceição Barros

TRANSBELLA:

Uma cartografia poética de um corpo em transformação

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Iara Regina da Silva Souza.

Co-orientadora: Prof^a Larissa Latif Plácido Saré

BELÉM
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da Escola de Teatro e Dança da UFPA - Belém-PA**

B277t Barros, Isabella Valentina Conceição

TRANSBELLA: uma cartografia poética de um corpo em
transformação / Isabella Valentina Conceição Barros -- 2019.

Orientadora: Prof^a. Iara Regina da Silva Souza.

Co-orientadora: Prof^a Larissa Latif Plácido Saré.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
Licenciatura em Teatro, Belém, 2019.

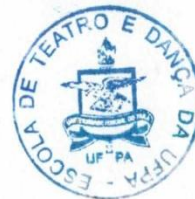
1. Teoria Queer. 2. Teatro - Homossexualidade. 3. Diferenças entre
os sexos. 4. Identidade de gênero. I. Título.

CDD - 22. ed. 306.766

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA



ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao oitavo dia do mês de Julho do ano de dois mil e dezenove, às vinte horas, reuniu-se na sala 03 desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelas professoras: Prof.^a Dr.^a. Iara Regina da Silva Souza (orientadora e presidente), Prof.^a. Dr.^a. Larissa Latif Plácido Saré (co-orientadora), Prof.^a Msc. Cláudia do Socorro Gomes e Prof.^a Dr.^a. Ana Karine Jansen Amorim (examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **ISABELLA VALENTINA BARROS**, intitulado: "TRANSBELLA: UMA CARTOGRAFIA DE UM CORPO EM TRANSFORMAÇÃO". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito Excelente
com as seguintes observações recomendamos a publicação.
e

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 08 de julho de 2019.

Iara Regina da Silva Souza
Prof.^a Dr.^a. Iara Regina da Silva Souza
Orientadora

Larissa Latif Plácido Saré
Prof.^a. Dr.^a. Larissa Latif Plácido Saré
Co-orientadora

Cláudia do Socorro Gomes
Prof.^a Msc. Cláudia do Socorro Gomes
Examinador (a)

Ana Karine Jansen Amorim
Prof.^a Dr.^a. Ana Karine Jansen Amorim
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Isabella Valentina Conceição Barros

Isabella Valentina Conceição Barros

Local e Data: 01/10/2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré ao qual sou devota e promesseira da corda, pela minha vida, pelas minhas conquistas e por está aqui hoje apresentando essa pesquisa.

As minhas mães que estão no céu, Lucimar Barros e Célia Barros, que eu sei que de lá de cima elas estão muito orgulhosas de mim.

Ao meu irmão Diego Barros também falecido, ao qual deixou um sobrinho maravilhoso e amável, o Lucas.

As minhas orientadoras, Iara Souza e Larissa Latif pela força e paciência que tiveram comigo. Foram duas mulheres fortes, empoderadas e inteligentes que me deram muito conhecimento, afeto e amor, e eu serei grata e amá-las pelo resto da minha vida.

A minha família em geral, mas em especial ao meu tio(pai) Walter Mesquita, que desde que minhas mães se foram, ele cuidou de mim, me criou e até hoje me acolhe e me faz viver em sua casa, mesmo não tendo mais uma proximidade, mas o amor de filha trans e pai prevalece.

A minha banca examinadora, Karine Jansen pela confiança nessa minha pesquisa e também pela confiança nos palcos. Claudia Gomes que apesar de professora e amiga, se tornou a minha nova mãe, obrigada pelos conselhos, pelos ralhos e por deixar fazer parte da sua vida, eu espero fazer pra sempre, pois eu não me vejo mais sem a senhora.

A tia Mara Gomes, que não é minha tia de sangue, mas é tia do coração, a senhora faz os meus dias tristes ficarem alegres quando estou contigo, e eu só tenho a agradecer por esses momentos felizes, saiba que eu a amo.

Aos professores da Escola de teatro e Dança da Ufpa que me ensinaram, me fizeram crescer e me amadureceram enquanto ser humano (Andréa Flores, Inês Rodrigues, Alberto Silva, Paes Loureiro, Edson Fernando, Micheline Penafort, Olinda Charone, Miguel Santa Brígida, Claudio Didimano, Tânia Santana, Adriana Cruz, Cesário, Jorge Torres) e que me ajudaram financeiramente a pagar minhas passagens de ônibus e meu alimento quando eu não tinha e principalmente a custear os exames de imagem que tinha que fazer para tomar meus hormônios. Com isso, cito em especial Wlad Lima, Anibal Pacha, Karine Jansen, Claudia Gomes, Paulo Santana que fez a campanha pra arrecadar o dinheiro, Larissa Latif que me acolheu em sua casa quando estava doente, Iara Souza, Marluce Oliveira, Glaise a

pedagoga, Marton Maués, Beto Benone, Denis Bezerra que me deu de presente os livros para o meu tcc, Ivone Xavier que me deu roupas lindíssimas de sua filha de presente, Fernando que eu não conheço mais ajudou e mais três que eu não conseguir lê a grafia mais ajudaram também. Falta colocar alguns professores ainda que não deu tempo mais gratidão à todos.

A Vandí que me ajudou voluntariamente na direção desta minha poética, obrigada por todos os teus ensinamentos diretora.

A minha turma de licenciatura em teatro do ano de 2015, que acompanharam essa minha transformação, que me aceitaram, me respeitou e me trataram como eu queria ser tratada. Saibam que apesar de momentos em que ficávamos em conflito, por conta do estresse em sala de aula e da rotina, eu nunca me permitia ficar de mau com vocês, pelo simples fato de eu sentir afeto por todos. Porém eu não posso deixar de destacar o meu colega Jonilson, que foi o aluno ao qual eu me aproximei mais e desde o início do curso estarmos juntos e ele ter me ajudado nos trabalhos acadêmicos. Mas saibam que eu carrego todos no meu coração.

E por fim mas não sendo o menos importante, talvez seja um dos mais importantes, ao TEATRO. E quando digo teatro é teatro no geral (ETDUFPA, espetáculos ao qual realizei), enfim tudo que engloba essa palavra. Pois foi através dessa arte que descobri o ser humano que eu sou, uma mulher transexual: UMA TRANSBELLA.

RESUMO

Esta pesquisa vem cartografar o meu processo de transformação de um corpo em Devir (transexualidade), onde a partir disso farei uma experimentação na cena dessa transição de Rafael Barros para Isabella Valentina. Venho abordar a minha trajetória de vida desde a adolescência ao qual denomino um percurso de cicatrizes até o presente momento. Convoco para esta pesquisa os autores: Judith Butler que aborda sobre a teoria de gênero. Gilles Deleuze e Felix Guattari sobre o conceito de Devir. Virginia Kastrup, Eduardo Passos sobre pistas e métodos da cartografia e dentre outros autores que virão no decorrer dessa pesquisa.

Palavras-chave: Corpo. Transexualidade. Cartografia. Devir. Teatro.

ABSTRACT

This research comes to map my process of transformation of a body in Devir (transsexuality), where from that I will make an experimentation in the scene of this transition of Rafael Barros to Isabella Valentina. I come to approach my life trajectory from adolescence to what I call a path of scars until the present moment. I call for this research the authors: Judith Butler who discusses the theory of gender. Gilles Deleuze and Felix Guattari on the concept of Becoming. Virginia Kastrup, Eduardo Passos on clues and methods of cartography and among other authors who will come during this research.

Keywords: Body. Transsexuality. Cartography. Devir. Theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Personagem Valerie.....	19
Foto 2 - Personagem Valentina.....	19
Foto 3 – Personagem Chica Guerreira.....	19
Foto 4 – Personagem Maria Padilha.....	19
Fotos 5, 6 e 7 - Série de imagens da mudança para o devir andrógino.....	22
Fotos 8, 9, 10 e 11 - Série de imagens de travestimento.....	24
Fotos 12 e 13 - em um ensaio fotográfico de uma oficina de atores e modelos.....	29
Foto 14 – Aprovação no vestibular.....	31
Fotos 15, 16 e 17 - Série de imagens da performance Por que me esqueceste?.....	34
Foto 18 - Aula prática de Clown.....	37
Foto 19 - 1º mês de hormonização.....	39
Foto 20 - 2º mês de hormonização.....	39
Foto 21 - 3º mês de hormonização.....	39
Foto 22 - 5º mês de hormonização.....	39
Foto 23 - 7º mês de hormonização.....	39
Foto 24 - 8º mês de hormonização.....	39
Foto 25 - 10º mês de hormonização.....	40
Foto 26 - Frases escritas na parede do quarto.....	41
Fotos 27, 28 e 29 - Série de imagens da primeira experimentação para a cena.....	44
Foto 30 - O trabalho feito de colagem.....	45
Fotos 31, 32 e 33 - Série de imagens da segunda experimentação para a cena.....	47
Foto 34 - Primeira parte do lençol em processo de construção.....	48
Foto 35 - Segunda parte do lençol em processo de construção.....	49
Foto 36 - Terceira parte do lençol em processo de construção.....	50
Fotos 37, 38 e 39 - Série de imagens da construção da cena do androginismo.....	51
Fotos 40, 41 e 42 - Série de imagens do livrando-se do isolamento.....	54
Foto – 43 - Contação da adolescência.....	55
Fotos 44, 45, 46 e 47 - Série de imagens do momento da trajetória ao androginismo.....	56
Fotos 48, 49 e 50 - Série de imagens da hormonização.....	57
Fotos 51, 52 e 53 - momento da professora-artista-transexual na chuva.....	57
Figura 1 – Libertação.....	46
Quadro 1 – Trajetórias de si.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CARTOGRAFIA QUEER.....	13
2.1 TransQueer: a teoria de gênero de Judith Butler	13
2.2 TransDevir: O método Deleuze-Guattariano	16
3 CICATRIZES: DO CORPO E DA ALMA.....	22
3.1 A adolescência não recomendada à sociedade	22
3.2A TRANSjetoria no teatro	34
3.3 A dor e a delícia hormonal	39
4 DAS CICATRIZES FAZER POTÊNCIAS POÉTICAS.....	44
4.1 Processo de (DES)construção	44
4.2 Livrando-se do isolamento, padrão, enquadramento.	48
4.3 Os devires andróginos	49
4.4 A Hormonização	54
4.5 A professora-artista transexual	54
4.6 As apresentações (descobrimos potências transformadoras).....	55
5 CONCLUIR SEM TER UM FIM	61
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procura abordar poeticamente um corpo de uma mulher transexual em transformação, de forma interna e externa no teatro, levando como resultado em processo de *devir*, conceito deleuze-guattariano, uma intervenção desse corpo atravessado pelas linhas da subjetividade. A poética desse meu processo de transição (transexualidade), ao qual descobri nesse lugar, chamado teatro.

Trago, para isso, conceitos da teoria de gênero abordados pela filósofa Judith Butler que através de seus conceitos publicado no livro “Problemas de Gênero” na década de 90, deu-se o pontapé inicial a teoria *Queer*.

Noções de Deleuze e Guattari também estarão presentes nesta cartografia em que irei levar como metodologia para esta pesquisa, trazendo conceitos de devir e transversalidade. Acompanhados de D&G convoco alguns autores, sendo um deles, a autora Virginia Kastrupp¹ que vai abordar sobre a atenção do cartógrafo em que utilizarei nesta cartografia e na minha cena chamada ‘TransBella’, fazendo conexões de transições da adolescência de nome Rafael à agora fase adulta de nome Isabella.

Esta pesquisa é dividida em três capítulos, sendo a primeira a exposição dos princípios epistemológicos e metodológicos da cartografia, cruzados com a teoria de gênero e as poéticas da cena, entretecendo-os com a trajetória do meu corpo em transformação dentro do processo de construção de uma poética cênica pessoal contextualizada social e historicamente. O segundo capítulo como espécie de autobiografia, que começa desde a adolescência, na qual explorarei as minhas marcas físicas e emocionais. Marcas do corpo anatômico e do corpo afetivo. Será um relato cartográfico do processo de transformação interno e externo. E o ultimo capítulo, a cartografia que se inscreve como poética do meu corpo em transformação, despertando das minhas cicatrizes as potências de subjetividade, resistência, subversão e empoderamento.

O meu processo criativo parte de indagações do meu corpo em devir, que vem desde a infância ao observar a minha madrinha e perceber o seu jeito e a mim querer imitá-la. Na

¹ Virginia Kastrupp: Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: cognição, invenção, produção da subjetividade, aprendizagem, atenção, arte e deficiência visual.

adolescência quando começo a me olhar no espelho e não me reconhecer e com isso me assumo homossexual e começo a me androgenizar. E na entrada ao teatro, ao qual me descubro e assumo a minha transexualidade.

A ideia é apresentar minha cena dessa transição, no intuito de experimentar esse meu corpo que está em processo de (des)construção, utilizando o método cartográfico e as quatro variedades da atenção do cartógrafo de Virgínia Kastrupp.

Também abordo as minhas sensações e o que me atravessou com essa intervenção artística, nos ensaios e no primeiro dia em que apresentei ao público.

Por se tratar de uma cartografia, fica a critério do(a) leitor(a) a escolha em querer começar a lê pelo meio (2º capítulo) ou não, pois não irá interferir, pelo simples fato dessa pesquisa não seguir uma linha, mais várias linhas. Essa pesquisa é terminantemente proibida ter normas e padrões.

2 CARTOGRAFIA QUEER

2.1 TransQueer: a teoria de gênero de Judith Butler

*O homem se define pelo que o inquieta,
não pelo que o assegura.*

Elie Wiesel

Para começar a dar vida a esses rizomas, e dar formas a esse mapa cartográfico que se expande horizontalmente, o meio é o principio de tudo. Esse meio em que começo a dar os primeiros traços se transformam num corpo, porém não é um corpo qualquer e muito menos um corpo binário (homem/mulher). Ele é um corpo culturalmente construído, performativo. É um corpo em processo de transição. É um corpo transexual.

Para um melhor entendimento do que foi citado acima eu convoco a autora Judith Butler para dar vida a minha cartografia, em que irá abordar sobre a teoria de gênero em que vou utilizar como base teórica para essa pesquisa.

Vamos então entender sobre o gênero segundo autora. Mas antes de iniciarmos essa questão é importante levantar outra que é conceituar alguns termos no qual ainda é muito confundido: sexo, sexualidade e gênero são o quê? O sexo segundo Luiz Antonio Guerra ao site InfoEscola “é referente a alguns elementos do corpo como genitálias, aparelhos reprodutivos”, ou seja, pessoas do sexo feminino tem a vagina e pessoas do sexo masculino tem o pênis (<https://www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/>).

A sexualidade por Cintia Favero ao mesmo site diz que esse “vem remeter a um universo onde tudo é relativo e pessoal”, ou seja, é o traço mais íntimo do ser humano que se manifesta diferentemente em cada pessoa de acordo com suas experiências vivenciadas (<https://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/>). Já o gênero, enquanto conceito tradicional é aquilo ao qual eu me identifico enquanto homem e/ou mulher. Luiz Antonio Guerra ao mesmo site diz que “apesar das sociedades ocidentais definirem as pessoas como homens ou mulheres desde o seu nascimento, com base em suas características físicas do corpo (genitálias), as ciências sociais argumentam que gênero se refere à organização social da relação entre os sexos e expressa que homens e mulheres são produtos do contexto social e histórico e não resultado da anatomia de seus corpos”. No entanto a “identidade de gênero” é o modo como determinado indivíduo se identifica na sociedade (gay, lésbica, transgênero e etc), e isso não está relacionado com os fatores biológicos.

Contudo a identidade de gênero não é bem aceita pelo padrão enquadrado heteronormativo, pois esse binarismo que segundo Laqueur (1996) surgiu no **Iluminismo**² no século XVIII, taxam as pessoas a serem ‘X’ ou ‘Y’, imposta pela lei, pela ciência e pela sociedade, pois caso não se enquadrem nessa ‘norma’, são banalizados e subversivos.

Butler então vem subverter todo esse conceito normativo a cerca do sexo e gênero, no qual vem quebrar todo esse padrão binário que vem a ser a divisão entre o masculino e o feminino sendo este algo fixo, natural e repleto de verdades inquestionáveis.

Para a filósofa o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou seja, ninguém ‘é’ homem ou mulher ao nascer. O gênero é construído culturalmente:

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2016, p. 28).

Para a autora o indivíduo não é determinado ‘se é homem’ ou ‘se é mulher’ pelo sexo, isso não cabe a nenhum indivíduo que acabou de nascer. Um exemplo disso é o meu caso e de todas as pessoas transgêneros, nasci e me denominaram homem por causa do sexo, logo me registraram com nome masculino, cresci me tornei criança, porém com certos gostos peculiares, meus bonecos de super- heróis se transformaram em bonecas super -heroínas, com roupinhas e casinha feita de caixa de sapato. Na adolescência a puberdade, e certo nojo ao tocar no pênis e me masturbar, os pensamentos eram em corpos maduros, fortes, com bigode, estilo **Fred Mercury**³. Vindo mais algumas **primaveras**⁴, as primeiras indagações, “O que eu sou?”, logo achei que fosse homossexual, e me assumi, no entanto não tendo ainda nenhum tipo de relação sexual com outros rapazes por causa do tabu que tinha com meu corpo e de minha aparência em não me reconhecer ao olhar-me no espelho. Então comecei a **montar-me**⁵, usar perucas, maquiagem, pintar as unhas, um gay afeminado. Senti-me bem e isso fez ter minha primeira relação com um garoto. Logo quando tirava todos aqueles adornos, me sentia irreconhecível e me impossibilitava de ter uma relação com as pessoas e

² Iluminismo: movimento cultural que se desenvolveu na Inglaterra, Holanda e França, nos séculos XVII e XVIII. Nessa época, o desenvolvimento intelectual, que vinha ocorrendo desde o Renascimento, deu origem a idéias de liberdade política e econômica, defendidas pela burguesia.

³ Freddie Mercury: nome artístico de Farrokh Bulsara, foi um cantor, pianista e compositor britânico que ficou mundialmente famoso como fundador e vocalista da banda britânica de rock Queen, que ele integrou de 1970 até o ano de sua morte.

⁴ Primaveras: significa fazer aniversário Expressão usada antigamente principalmente para moças que completavam mais um ano de vida

⁵ Montar: Gíria gay (travestimento)

comigo mesmo. Foi quando entrei na universidade no curso de licenciatura em teatro que descobri o quão mulherão eu sou: uma .

Então percebe-se que o meu processo transexualizador foi uma construção e está sendo até hoje e vai ser eternamente. Não se pode uma sociedade enquadrada e normatizada em achar que o homem e a mulher sendo algo fixo e natural para eles, vim nos impor essa condição binária, sem nos questionar a querer saber o que realmente somos, pois além do homem e da mulher **cisgênero**⁶, existe o homossexual, a lésbica, o bissexual, a travesti, o (a) transexual e entre outras denominações que existem.

Em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir (1949) sugere que o gênero também é construído, no entanto sua frase famosa de que “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”, referindo-se a uma propaganda sobre o que é ser mulher. Isso, no entanto, não significa que esse ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Para mim, esse corpo tendo pênis ou vagina, não necessariamente é um homem ou uma mulher, o ‘mulher’ vem a ser algo que “fazemos” e não ser algo que “somos”.

O ‘tornar-se’ é um processo de construção ao qual o indivíduo se transforma de acordo com seus desejos e sentimentos, sendo então “o corpo apenas uma situação” como afirma ela. (BUTLER, 2016, p. 29).

O trabalho de Butler é desfazer essa distinção sexo e gênero, para ela “não há sexo que não seja já e, desde sempre, gênero”. (BUTLER, 2016, p. 89). Percorremos aqui e chegamos sem parar nesse mapa do corpo na ideia-chave muito importante de Judith, “A performatividade”:

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social.(SALIH, 2017, p.33).

Essa repetição de atos, gestos e signos, dentro do âmbito cultural, no que reforça a construção do corpo masculino e feminino, conceitua, portanto a questão da *performatividade*. Para Judith o gênero é um ato intencional, um gesto performativo que constrói significados.

⁶ Cisgenero: referência a concordância da identidade de gênero do indivíduo com a sua configuração hormonal e genital de nascença.

Para melhor entendermos, a mim não foi dada uma livre escolha, já estava determinado nesse interior regulatório o meu gênero, porém usando da performatividade de Butler, a minha identidade não é algo fixo como fazem os essencialistas, o meu processo transexualizador é construído dentro de mim através da performatividade, ou seja, eu não nasci ‘sendo’ como no discurso e na linguagem, eu nasci e vivo ‘tornando-me’.

Este capítulo é um capítulo textualmente *Queer*. Mas o que vem a ser a teoria queer? Sara Salih aborda a teoria da seguinte maneira:

A teoria *queer* surgiu, pois, de uma aliança (às vezes incomoda) de teorias feministas, pos-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito. A expressão “*queer*” constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar [...] (SALIH, 2017, p. 19).

Butler vem a ser denominada pela comunidade LGBT nos anos 90 de queer, por este ser uma desestabilização da categoria do sujeito normativo e pelo seu livro publicado chamado “Problemas de Gênero”.

Assim como o queer que é uma palavra inglesa, que segundo o site ParadaSP foi “usada por anglófonos há quase 400 anos. Onde na Inglaterra havia uma *Queer Street*, onde viviam, em Londres, os vagabundos, os endividados, as prostitutas e todos os tipos de pervertidos e devassos que aquela sociedade poderia permitir”, sendo então, o termo ganhar o sentido de “viadinho”, “sapatão”, “maricona”, “maria-macho” e entre outros (VIANA, 2016)). O termo queer passou a ser usado como uma ofensa, para homossexuais, travestis e transexuais e de todas que não se enquadrava na norma cis-heterossexual.

Sendo algo “estranho”, fora da “norma” e “perturbador” muita das vezes, a forma de me portar perante a sociedade heteronormativa, sendo uma mulher com pênis, de gogo e que fala grosso às vezes, me transforma numa “*transqueer*” (mistura de transexual com queer), ou numa “*transviada*” como propõe a professora Berenice Bento ao pensar o queer, me livrando de uma definição normativa, enquadrada, territorializada, e me levando a uma pluralidade, diversidade, variedade no qual tudo isso vem a ser sinônimos de *Multiplicidade*.

2.2 TransDevir: O método Deleuze-Guattariano

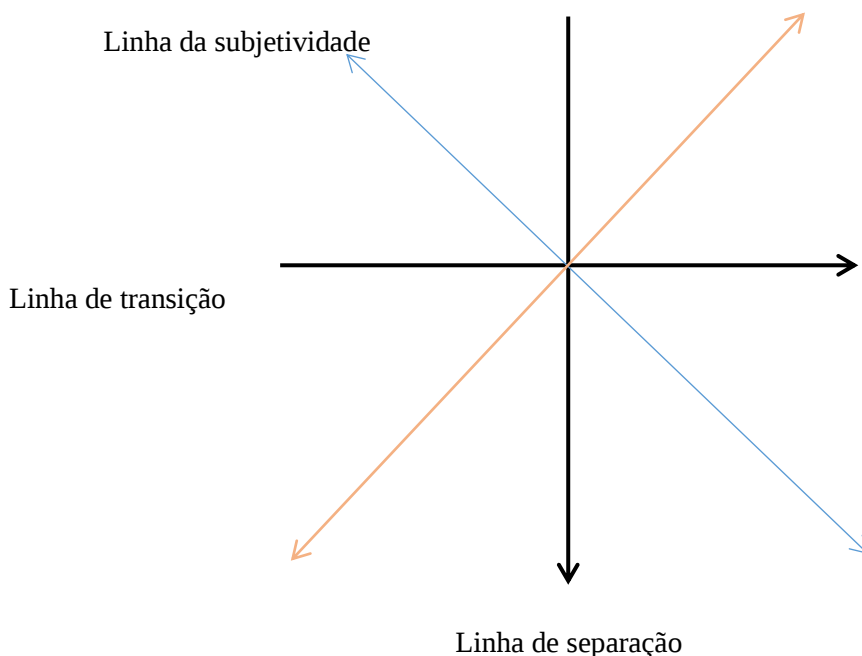
“*Todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires*” (D&G, Mil Platôs 4).

A territorialização e a multiplicidade citada no tópico anterior me faz pousar no campo metodológico: a cartografia. Então não se pode deixar no caminho os criadores disso: **Gilles Deleuze e Félix Guattari**.⁷

A cartografia sendo ela um mapa, o meu sobrevoo será em meu corpo na transição. Utilizo o conceito de Guattari sobre a *transversalidade*, que vem a ser a definição do método cartográfico, onde o trabalho de análise de um só tempo que é descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade, algo profundo que muda de acordo com cada pessoa.

A partir disso crio o meu diagrama, com as devidas alterações para minha pesquisa:

Figura – Diagrama Devir



Fonte: Adaptado de Passos, Kastrup e Escóssia (2017)

- A linha vertical fará a separação do Rafael para a Isabella;
- A linha horizontal será a transição de Rafael para Isabella;
- A linha transversal será o desarranjo dessa definição Rafael/Isabella.

⁷ Gilles Deleuze e Felix Guattari: Deleuze é filósofo francês, vinculado aos denominados movimentos pós-estruturalistas, categorizações que o próprio Deleuze questionava pelo que trazem, ainda, da visão e luta pelo idêntico. Suas teorias acerca da diferença e da singularidade nos desafiam a pensar em temas como rizoma, ontologia da experiência, a teoria do que fazemos, a virtualidade e a atualidade. Guattari é pensador, homem de movimentos e analista: brilhante e polêmico em cada uma de suas facetas, inovador em todas elas. Como analista, no início da década de 60, ainda muito marcado pelo pensamento lacaniano (chegou a ser membro da Escola Freudiana) ele inventa a “análise institucional”. Uma crítica progressiva ao lacanismo, que se radicaliza após o encontro com Gilles Deleuze, o leva daquela primeira invenção a outra: a “esquizoanálise”.

Nesse diagrama a linha transversal será as minhas linhas de fuga, será a minha desterritorialização da normatividade, do binarismo, do padrão. Com isso tornei-me um entre, onde venho das forças minoritárias atravessar(quebrar) TRANSversalmente essa linha da heteronormatividade-branca-rica. É a linha do DEVIR- Isabella, DEVIR-mulher-trans.

O devir é sempre um ponto de partida, mas que não se sabe necessariamente onde irá chegar. O devir segundo D&G são “as formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 67).

Com isso eu me torno um devir-isabella, apesar do corpo que tenho, pois é através do processo do desejo como explicam D&G em que vou me tornando de forma lenta e de forma veloz.

O meu devir é um conflito, pois apesar de ter passado pelo DEVIR-MULHER, ao me olhar no espelho e ver o meu corpo não condizer comigo, uma angústia misturada com tristeza e raiva, me faz quebrar linhas, e seguir por outras de fuga, que me acalmam daquele momento sombrio pra mim, me deixa bem, renovada. É o meu refúgio chamado TEATRO.

É importante ressaltar o devir-mulher para entendermos que todos os devires surge por esse devir minoritário (mulheres, lgbt's, negros e pobres), onde dentro disso a mulher é de certo o melhor ponto de partida. Portanto o devir-mulher para Deleuze e Guattari é um dos mais importantes, pois para eles ninguém entra em devir sem antes passar pelo devir-mulher. E com isso pergunta-se, e o homem não tem devir? NÃO!!! O homem não entra em devir porque ele é um modelo fixo, ao qual modela e territorializa todas as outras forças que o rodeiam. Para D&G ele está fixado em um plano molar de existência, onde vive no mundo das ideias. A mulher ao contrário disso, varia a forma homem, onde esse devir-mulher vem desterritorializar as estruturas e formas do ser homem. Ela é a porta de entrada para os devires minoritários. É esse devir que se faz em mim, quebrando todas as formas e hierarquias, apesar do meu devir em conflito, pois quando estou no meu mundo-teatro, esqueço desse conflito, deixo de ser o Devir-isabella para ser o DEVIR-valentina, o DEVIR-maria, o DEVIR-padilha, o DEVIR-valerie e dentre muitos devires que o teatro me dá.

Foto 1 – Personagem Valerie



Foto 2 - Personagem Valentina



Foto 3 – Personagem Chica Guerreira



Foto 4 – Personagem Maria Padilha



Fonte: Acervo próprio

Esses devires teatrais que vivi, tinham algo incomum: a questão da transexualidade e da feminilidade.

No meu primeiro espetáculo teatral **Quem me leva aos meus fantasmas?** dirigido por **Raphael Andrade**⁸, nós atores não tínhamos personagens, tivemos que interpretar nós mesmos, ou seja, eu vivi o DEVIR-mulher-trans, interpretei a força minoritária, a necessidade de ser ouvida, ou melhor de gritar meus medos e minhas dores sendo uma

⁸ Raphael andrade: ator, diretor e aluno de licenciatura em teatro da escola de teatro e dança da ufpa (Etdufpa)

mulher transexual que sou. Mas o grito não era apenas meu, era de todas as minhas irmãs e irmãos transexuais que resistem todos os dias.

Acontece, que eu estava acordada faz tempo, ver o meu corpo ser transformado em mulher, eu sei exatamente como isso aconteceu. Lembro-me bem. Quando fui colocada para fora de casa, fiquei sentada no banco da praça, imaginando o que teria acontecido comigo e o porquê de eu ter nascido diferente. Aí eu lembrei da infância. Eu adorava brincar com essas coisas de menino. Jogar bola, subir muros, descer correndo. Tudo que menino gosta. Mas quando meus amigos começaram a namorar, dar beijinhos, bater punheta, eu descobri que nada aquilo me atraía. Eu senti nojo da garota que eles me arranjaram. Ela encheu minha boca de cuspe, e disse que ia me ensinar a beijar... (Fala da personagem Valentina).

Em **Casa das Madalenas** cujo diretores na época **Jesus Gabriel e Lucas de Castro**⁹, eu realizei o meu DEVIR-puta, que apesar da personagem também ser transexual, era uma prostituta, ao qual mergulhei afundo e metaforicamente pude gozar maravilhosamente sem fingir um orgasmo. A Valerie(nome da personagem) me despertou prazeres, desejos e gostos inusitados. Com ela eu tive quantidade de possibilidades, fui multiplicidade. Libertou-me.

“Eu poderia mudar as roupas, criança, mas há coisas dentro de mim que não podem mudar. Eu prefiro ficar aqui dentro, e ser quem eu sou. Tu nunca desejaste que as pessoas soubessem quem tu realmente és?” (Fala da personagem Valerie).

E com isso pude ter outros devires fora do teatro. Fiz um DEVIR-pomba-gira e um DEVIR-chica-guerreira no **Auto do Círio**¹⁰, sendo este último, uma homenagem a tataravó de minha professora **Claudia Gomes**¹¹ e uma homenagem a todas as mulheres guerreiras que atravessaram e continuam atravessando nesse meu processo de devir (mãe, madrinha, professoras e amigas). Esses devires representava a minha forma Isabella de ser, a mulher que sou. A Isabella enquanto guerreira, sensual, forte e valente.

Esses são apenas alguns devires que o teatro me proporcionou. Escolhi esses por me afetarem profundamente e por estarem nessas linhas transversais do meu diagrama. E também pela questão da transexualidade que foi de devires-mulheres-trans diferentes pelo

⁹ Jesus Gabriel e Lucas de Castro; atores e diretores do espetáculo Casa das Madalenas

¹⁰ Auto do círio: manifesto cultural e uma maneira alegre de saudar e prestigiar a Virgem de Nazaré, pela ocasião do círio. O cortejo reúne atores e amadores que apresentam um espetáculo dividido em cinco atos: dança, música, teatro, cultura popular e apoteose.

¹¹ Claudia Gomes: Professora da Universidade Federal do Pará- UFPA. Ministra as disciplinas: Psicologia do teatro e estágio supervisionado

contexto da peça, mas que carregam o mesmo devir em conflito que é a não aceitação do corpo que são as minhas ‘cicatrices’.

3 CICATRIZES: DO CORPO E DA ALMA

“Nós não somos um corpo, nós temos um corpo” (Lacan).

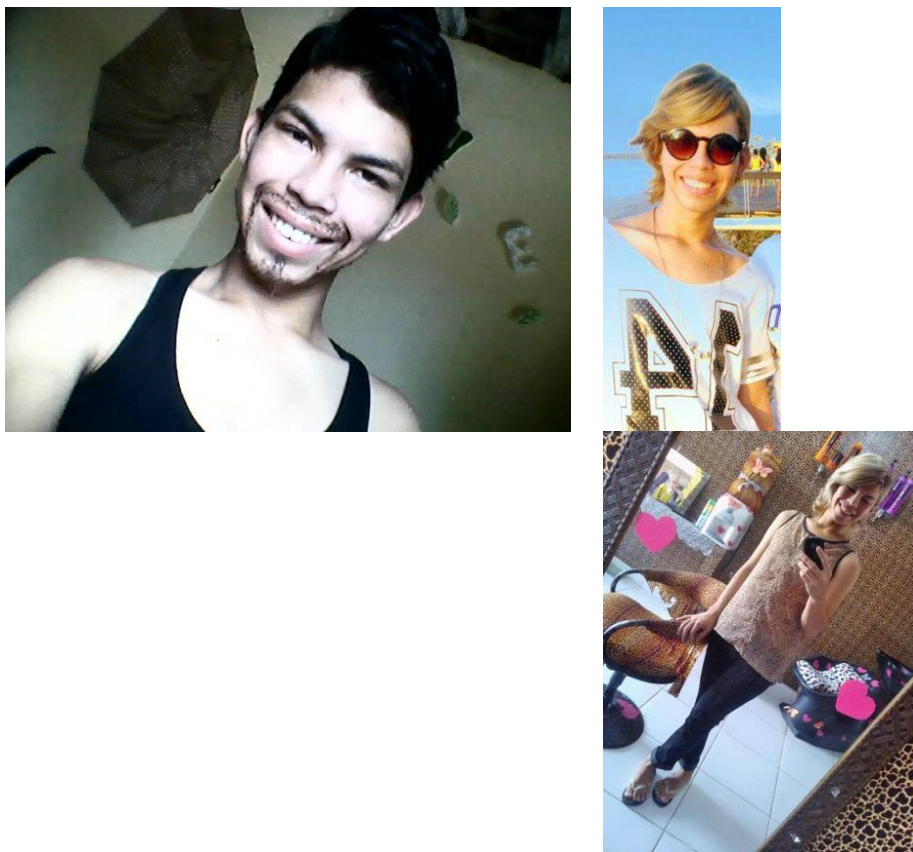
Quando se chega à fase da puberdade, os meus devires se tornam mais apurados, a começar pelo corpo em que a testosterona me atravessa. A voz engrossa e que me causou certo estranhamento, os pelos crescendo em toda parte do corpo de forma avassaladora, a primeira ejaculação que me fez pensar nesse corpo com pelos, com voz grossa. Olho-me no espelho e percebo as mudanças, com essas mudanças começo a carregar comigo pontos de interrogações e certo estranhamento no que estava me transformando. Chega um dia em que quebro esse espelho por não está me aceitando daquela forma, meu tio e minhas irmãs entram no quarto e perguntam o que está acontecendo? Eu viro para eles e digo: “eu sou homossexual!”.

3.1 A adolescência não recomendada à sociedade

Ter me assumido homossexual na adolescência, abriu outros caminhos de fuga para mim. Eu precisava ser gay naquele momento, pra tentar entender o porquê estava passando por aquilo de não aceitar o que estava vendo no espelho. Naquele tempo, eu não tinha o conhecimento da transexualidade, portanto acharia que a homossexualidade era o que ia me fazer sobrevoar tranquilamente.

A subversão logo deu as caras, a montar esse corpo-rafa num devir andrógino. Pinto os cabelos, deixo as unhas crescerem, causando o estranhamento da família, dos vizinhos e dos colegas.

Fotos 5, 6 e 7 - Série de imagens da mudança para o devir andrógino



Fonte: Acervo próprio

É na escola onde eu começo a ter o desprezo das pessoas normativas a terem um pré-conceito sobre mim. Os chamados “grupinhos” de escola me excluía de toda forma possível, por não está enquadrada num padrão para eles. Foi então que fiquei com os “nerds”, pessoas muitas das vezes desprezadas no ambiente escolar por colegas de classe sendo apelidados vulgarmente de **CDF’s**¹².

Começo a perceber que virei a “sensação” do colégio, a virar motivo de risos, de piadas e até de violência física. Porém existiam outros homossexuais na escola, e eles não era tão alvo quanto a mim, os olhares preconceituosos sempre se miravam para mim. Logo depois percebi que os outros meninos gays, não se portavam da mesma forma que eu, a questão era justamente o meu comportamento que os outros não tinham. Com isso pensei “será que estou no caminho certo?”, mas está naquele devir andrógino me libertava de muitas coisas que precisava sentir, experimentar e que foi de extrema importância para o conhecimento de mim, do meu corpo. A primeira vez que usei um vestido, a sensação que eu tive foi de pura liberdade. Está com cores nas minhas unhas e

¹² Cdf: “cabeça de ferro” ou “crânio de ferro” porque a pessoa estuda tanto que se presume que, se tivesse um crânio normal como os demais, esta cabeça não resistiria e poderia estourar.

nos meus cabelos apagava a forma cinzenta ao qual meu corpo carregara antes, e que fugia daquele modelo normativo de sociedade.

Mas ao me colocar pra fora de casa até a chegada à escola toda aquela liberdade se transformava em experiências de ocultação, repressão, dúvida, medo e isolamento. Torno-me a ‘aberração’ para a sociedade. Nesse caminho eu cruzo com a música “não recomendado” de Caio Prado, que me faz lembrar esses momentos quando eu a escuto:

*Uma foto, estampada numa grande avenida
Uma foto, publicada no jornal pela televisão.
Uma foto, na renúncia de perigo.
Uma foto, publicada no jornal.*

*A placa de censura no meu rosto diz, não recomendado a sociedade.
A tarja de conforto no meu corpo diz, não recomendado a sociedade.*

*Perverso. Mal amado. Menino malvado, muito cuidado.
Má influencia. Péssima aparência. Menino indecente, viado.*

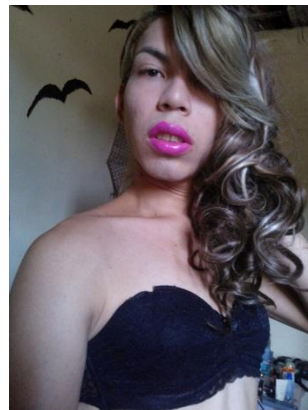
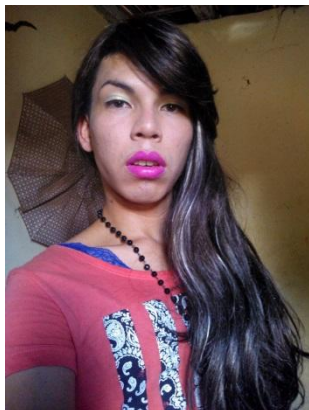
*Meu nome nos seus olhos, não tenha no seu coração.
Não beba do seu copo.
Não tenhas compaixão. Diga não. Aberração.*

É assim que a sociedade heteronormativa faz LGBT’s se sentirem, uns perversos, uns mal amados, de péssima aparência, indecentes. Era o que eu sentia na escola e na rua, e hoje ainda sinto, porém com outros tipos de denominações preconceituosas.

Mesmo com toda opressão que meu corpo andrógino vinha sofrendo, eu me adornava cada vez mais, pois chegara a certo ponto, que já não estava mais me contemplando ter somente as unhas e os cabelos pintados. É quando me lembro do lençol que fiz de vestido e vesti pela primeira vez e que me fez ter aquela sensação de liberdade e que me deixou tão bem. A partir daquele momento as minhas roupas masculinizadas se tornaram em roupas unissex, o meu rosto ganhava as primeiras pinturas de batom e lápis de olho, compro uma

peruca, uma não, várias perucas. O meu devir andrógino se tornara mais queer, causando mais estranhamento e mais incomodo para a sociedade.

Fotos 8, 9, 10 e 11 - Série de imagens de travestimento



Fonte: Acervo próprio

Quando comecei a ficar mais distante do Rafael Conceição Barros (nome de registro), a sociedade ficava mais distante também, porém a metralhadora de olhares para tentar entender o que eu era, tentando me enquadrar ao se perguntarem “é homem ou mulher?”, ao invés de simplesmente aceitar o modo como construíra o meu corpo, minha identidade. Essa metralhadora de olhares que me atingiu ao se tornar em violência, em primeiro vem a verbal chamando de “traveco”, “viadinho”, “vira homem”, em segundo a física por ser todas essas denominações discriminatórias citadas por eles. Esses olhares que vêm me lembrar a todo o momento que por causa do meu corpo, eu não tenho o direito de ser quem eu sou de verdade. Olhares irônicos para o meu genital que está para trás numa calcinha super apertada, me causando incômodo e dor. Para o peito não crescido. São olhares, muitos olhares, bastantes olhares.

A partir de certo momento, eu comecei a perceber que esse já devir-androgino-travestido começara a me questionar, o que eu sou na verdade? Pois o momento em que fiz

daquele lençol um vestido e vesti pela primeira vez me fez ter aquelas sensações de liberdade e que me senti tão bem com aquilo e também chegara o momento em que me olhava no espelho e começava a pegar nos peitos e contrair com meus braços para dar volume. Olhar para o pênis e empurrar para trás para que parecesse uma vagina. Eu comecei a partir dali a me ver de outra forma, porém não tinha certezas do que eu era, mas tive desejos, sensações, prazeres naquela condição em que estava.

Esse prazer logo veio à tona, pois estando esteticamente afeminada, despertou olhares desejosos, pois para quebrar esse padrão heteronormativo fajuto, homens, héteros, casados, pais de família eram os que mais procuravam para realizar seus desejos sexuais, fetiches, fantasias de todo o tipo que se possa imaginar.

Apesar do meu corpo e do meu desejo em querer ter uma relação mais íntima com um homem, apesar de minha condição, meu corpo ainda era territorializado, cheio de tabus a se quebrar, digo no sentido da moral e dos bons costumes. Eu era apenas um(a) adolescente naquela época e sendo uma pessoa da igreja, que era coroinha, eu jamais podia naquela condição em que eu estava territorializada, pensar ou fazer algo libidinoso e ainda mais com homens casados, algo que nunca aceitei para me envolver.

A minha desterritorialização para o desejo do corpo foi aos 19 anos quando me envolvi com um rapaz de 24 anos, tipo físico normal, era estudante de engenharia mecânica na época. Eu ali toda montada de peruca, cílios e unhas postiças, e de repente esse corpo afeminado recebe as primeiras carícias, um abraço apertado, um cheiro no pescoço, mãos que deslizavam pelas costas, o encontro das bocas e os pensamentos ao qual tivera na adolescência estava tudo se concretizando naquele momento. Pois nunca imaginava meu corpo tendo relações com um corpo delicado, de seios, vagina, quadris largos. O desejo era sempre pelo corpo robusto, peludo, de pênis.

No momento do ato sexual, os adornos que me travestiam começavam a se desfazer em meu corpo, as unhas postiças caindo, os cílios descolando, a peruca saindo. Isso estava me trazendo certo incomodo, por está me desfazendo daquilo, de repente fico completamente nua, e a vergonha de expor meu corpo. Em nenhum momento o rapaz se sentiu incomodado comigo, pelo meu corpo ‘desmontado’. Apesar de toda situação, meu corpo estava com todo o tesão, porém sua mão repentinamente vai de encontro ao meu pênis e sua boca se aproxima para fazer o sexo oral. A partir dali, todo o meu desejo e tesão acabava, a vergonha logo se transformou em constrangimento, eu já não queria mais está ali, queria fugir. Quando terminamos me vesti rapidamente e fui embora sem me despedi, chegando em casa um choro

ao qual não sabia explicar e uma indagação que me rondava do porquê eu não gostei quando ele me fez o sexo oral, e da vergonha que eu estava do meu pênis exposto. Olhava-me todo dia ao espelho me perguntando quem eu sou? Por que estou sentindo isso? Por que não sinto aquilo? Apesar da vontade, não queria mais ter nenhum tipo de relacionamento íntimo com homens, pois não estava preparada a sentir o que eu senti na minha primeira vez, precisava me conhecer melhor, me ouvir internamente para então responder as indagações que me atravessavam. As perucas, as roupas unissex e os demais adornos, já não me satisfaziam mais, pois só me completavam quando eu os usava, e não tinha forma delas ficarem permanentes em meu corpo. O meu ser andrógino foi se desfazendo, voltando a ser aquele garoto de bermudão, camisas largas, cara lavada, porém assumidamente homossexual.

Isolei-me completamente das pessoas, pois apesar de não está mais esteticamente um ser andrógino, eu não me reconhecia naquela situação em que eu estava. Foi quando produzi, um diário sendo meu único refugio para expressar tudo o que estava sentindo sem ter medo de ser julgada. Então a cada final de dia eu começava a escrever, rabiscar, fazia colagens de imagens sobre como foi meu dia, sendo ele de extrema ajuda para descrever esse processo da adolescência.

Após algum tempo escrevendo, cerca de um ano aproximadamente, eu pego o diário e começo a ler o que tenho escrito durante esse tempo. Começo a perceber nas minhas escritas, do quão eu indagava a minha aparência, a não entender por que me sentia feio(a), ao me olhar no espelho e não me reconhecer, ainda mais com aquelas roupas que pareciam mais um disfarce pra tentar enganar a sociedade e a mim mesma que eu era um garoto, porém meu corpo e todos os seus trejeitos quebrara o padrão que estava sendo imposto ali.

A partir daqui minha cartografia chega a um ponto que é chamado de as quatro variedades de atenção do cartografo. A primeira denominada de Rastreio citado no livro “Pistas do método da cartografia”. A autora Virgínia Kastrup aborda da seguinte maneira:

O rastreio é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel. (KASTRUP, 2015, p. 40)

Essa meta ou alvo móvel é justamente esse não reconhecimento do meu corpo, a vontade de mudar muitas coisas nele que me afetam, pois rastrear para a cartografia significa também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração e de ritmo. Começo então a localizar as primeiras pistas sobre a minha transexualidade, isso para o cartografo é de suma importância, porém o meu rastreio era algo aberto ainda, aonde não identifiquei a

priori sobre eu ser uma mulher trans, mas sentia a necessidade de mudar. Virginia explica que “o rastreio não se identifica a uma busca de informação, sendo a atenção do cartografo(a) em princípio aberta e sem foco” (KASTRUP, 2015, p. 40).

Portanto, esse meu rastreio da mudança do corpo, porém sem respostas na minha adolescência, me deixou em linhas cruzadas no qual não sabia para onde seguir, todas elas então tornaram minhas linhas de fuga, aonde qual eu fosse eu pudera descobrir quem eu era de fato.

A segunda variedade é o *Toque*, que é “sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão a seleção” (KASTRUP, 2015, p. 42). A primeira sensação de eu ser a Isabella, uma mulher, transexual, mas faltava algo ainda, faltava eu sair desse mundo enquadrado tradicional e machista para essa mulher que estava dentro de mim tomar coragem, empoderar-se, porém não encontrava um lugar para recorrer, ser o meu refúgio, por contas das múltiplas entradas a seguir. Sobre o toque segundo Virginia :

O toque pode levar tempo para acontecer e pode ter diferentes graus de intensidade. Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. (KASTRUP, 2015, p. 43)

Apesar das primeiras impressões de eu ser uma mulher transexual, aquilo ainda se capturava de modo involuntário, pois não sabia ainda do que se tratava de fato, porém tinha a sensação desse devir-isabella.

Passei dois anos entre linhas de fuga, tentando entender o que se passava comigo e durante esse tempo que me angustiava tentava me ocupar de todas as formas possíveis para ao menos tentar esquecer o que estava me afetando. Foi quando deixei de me enclausurar das pessoas e comecei a ter de novo um convívio, porém com os mesmos olhares discriminatórios mirados em mim, mas tentei não dar importância, segurava o choro e ignorava como se não fosse comigo.

Foi durante esse tempo que entrei para o teatro na igreja católica do bairro onde eu moro, para fazer a encenação da Paixão de Cristo. O diretor da peça deixava livre para sermos qual personagem quiséssemos ser, se mais de um optasse pelo mesmo, fazia um teste para ver qual ia ficar com o papel. Eu sempre fui uma pessoa muito quieta, mas naquela situação em que estava eu queria era ser a pessoa mais aberrante do mundo. Optei pelo personagem de Lúcifer (diabo), meus companheiros de cena e o diretor estranharam pela minha escolha, foi então que tive que passar pelo teste, pois dois rapazes super travessos,

sendo o mais provável ganharem o papel, também queriam o mesmo. Todo o peso que o meu corpo carregara do ódio, do preconceito, da discriminação da sociedade veio à tona para o personagem, a sensação que eu tinha era de está me livrando de tudo aquilo que estava preso em mim e que me fazia sofrer, passando para aquele personagem que é visto como um ser maligno, obscuro e cruel. Para a surpresa do diretor e dos atores acabei me saindo bem, e fui contemplada ganhando o personagem para mim.

A partir daquele momento, estar ali ensaiando, encenando e interpretando me deixava mais tranquila e feliz. Eu esquecia naquele momento os tabus que tinha com meu corpo, o preconceito que sofria por ser afeminado, das cobranças que me eram impostas pela família e entre outros. Aquilo era um refúgio para mim, onde o meu personagem me possibilitava extravasar toda a raiva que estava sentido por estar passando por aqueles momentos complicados em minha vida. A cada ensaio uma liberdade para mim e que trazia benefícios para o personagem e para a cena. A minha paixão pelo teatro me atravessou naquele momento, apesar de sempre amar a arte num todo desde criança, assistindo a filmes e novelas, rabiscando as paredes de casa, dançando quadrilha, me fantasiando escondida com uma roupa de índia que tinha no baú de minha avó e entre outros.

Chegando no dia da apresentação, descubro que estava no caminho ao qual ia seguir, pois aqueles aplausos de admiração pela minha interpretação demonstrava que está ali naquele palco feito de ripas era onde eu tinha que ficar nos restos de minha vida, eu já não podia mais ficar sem o teatro. Então fui em busca desse refúgio, porém as únicas oportunidades que encontrava eram oficinas que vinham de outros estados com custo alto para atores e modelos iniciantes.

Fotos 12 e 13 - em um ensaio fotográfico de uma oficina de atores e modelos



Fonte: Acervo próprio

Eu não tinha conhecimento das oficinas teatrais na cidade de Belém, pois como não é bem divulgado para quem não está nesse meio, a informação não chegara até mim. Passei um tempo sem o teatro e todo aquele tabu com meu corpo, voltava à tona, eu já não suportava mais me olhar e me ver do mesmo jeito, eu precisava encontrar uma maneira de me sentir bem comigo mesma, pois o teatro era algo momentâneo, era só quando estava no palco, a mesma coisa a androginia, era só quando estava montada, quando me desprendia disso, tudo voltava a ser triste.

Comecei a criar metas, sendo o teatro minha prioridade, nesses caminhos me encontro com o curso de licenciatura em teatro. Então me preparei para poder ingressar no curso, porém já tinha tentado duas vezes passar, mas eram outros cursos. Peguei as apostilas de cursinho pré-vestibular em que tinha feito nos anos anteriores e iniciei a revisão. Regra de três, leituras obrigatórias, figura de linguagens, estudei tudo.

No dia da prova de habilidades, a ansiedade tomava conta de meu corpo, porém estava me sentindo como se estivesse encontrado a minha verdadeira família, não que eu não ame a minha, mas aquelas pessoas que estavam ali se pareciam um pouco comigo, o modo como agiam, como pensavam e até como vestiam. Foi a primeira vez que me senti bem acolhida, sem olhares preconceituosos, sem julgamentos. Eles se ajudavam entre si,

conversavam sem ao menos te conhecer, pediam opinião se a maquiagem estava boa e etc. Aquilo me despertou mais ainda de que estava no caminho certo, eu precisava fazer parte daquilo. Eu tinha que passar pra viver aquilo de novo. Chegado o momento da prova, joguei todas as minhas angústias, meus tabus e meus anseios no personagem assim como eu fiz na peça da Paixão de Cristo. Estava mais uma vez me desprendendo de toda a normatividade que a sociedade e a ciência vinham impor sobre o meu corpo.

Após a prova, um alívio e um sentimento de confiança de que eu ia ingressar na licenciatura em teatro, pois no exame nacional do ensino médio (Enem), a minha pontuação era boa.

Num sábado recebo a notícia de que tinha passado, apesar da minha total esperança de que ia conseguir, aquele dia era como se fosse um dia comum, entrei num estado de êxtase, parecia uma utopia em que eu iria acordar no outro dia e esquecer tudo, não conseguia comemorar ao contrário de minha família, vizinhos e amigos. Permiti até que raspassem meu cabelo, pois tinha avisado que se passasse, eu não iria raspar o cabelo, porém minha mente estava tão longe daquela comemoração que acabaram cortando os poucos cabelos que ainda me restavam.

Foto 14 – Aprovação no vestibular



Fonte: Acervo próprio.

No dia seguinte ao acordar, sentindo a cabeça leve, o corpo exausto do dia anterior, tudo começou a fazer sentido de que realmente eu ingressaria numa universidade, a ficha foi caindo, começo a comemorar sozinha no meu quarto, pulando, cantando, chorando, pois eu tinha a certeza que aquele lugar ia me fazer feliz, ia me sentir bem e que eu iria aprender muita coisa.

A partir disso chego na terceira variedade de minha cartografia que é o *Pouso*, onde a autora “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura” (KASTRUP¹³, 2015, p. 43). A minha entrada na Escola de Teatro e Dança

¹³ Virginia Kastrup: Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: cognição, invenção, produção da subjetividade, aprendizagem, atenção, arte e deficiência visual.

da Ufpa indica essa parada, deixando para trás os caminhos que percorri até aquele momento, formando esse meu corpo em um novo território, no meu segundo lar, meu refúgio: o teatro.

Nesse momento minha cartografia se reconfigura a esse lugar. Lugar que vai me fazer morrer e renascer. Irá de surgir não mais o garotinho afeminado, mas sim uma mulher que vem trazer os devires-valentina.

A partir daqui o teatro será o território cartografado que em principio eu não habitava, mas é ele que irá me levar ao devir-isabella, mas que não sei necessariamente onde vai chegar. O território se amplia, meu corpo é habitado agora nesse espaço que será meu refúgio, a partir disso as linhas transversais do meu diagrama irão atravessar sobre esse corpo que vai quebrar toda a normatividade que o binarismo vinha impondo sobre ele. Meu corpo não terá normas, regras e muito menos ter um padrão, portanto eu começo do meio e com isso meu corpo vai expandir-se como o rizoma sem procurar uma saída, porque sempre serei um processo inacabado que não terá um fim, mas sim um *tornar-se* a todo momento.

Com isso eu chego a ultima variedade que é o *Reconhecimento Atento*, que segundo Bergson tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares.

Nessa variedade a memoria é de suma importância, portanto o meu presente irá se tornar passado e o conhecimento tornará reconhecimento. Para ampliar o meu devir-isabella, voltarei as minhas **imagens-lembranças**. A imagem de minha androginia, a imagem de minha primeira relação sexual e entre outros que me fizeram indagar-me: Quem eu sou? O reconhecimento atento vai me levar a uma construção porém incompleta: a transexualidade. Kastrup explica:

O reconhecimento atento realiza um trabalho de construção. Percorrendo múltiplos circuitos em sucessivos relances, sempre incompletos, realiza diferentes construções, cujo resultado é um reconhecimento sem modelo mnésico preexistente. (KASTRUP, 2015, p. 47)

Esse meu trabalho de construção vai acontecer nesse território que é o teatro. Minhas imagens-lembranças vêm no primeiro dia de aula, cuja disciplina é trajetória de si.

3.2 A TRANSjetoria no teatro

O teatro. Estou em meu território. O lugar da multiplicidade, sinônimo de exuberância, pluralidade, diversidade, abundância e variedade. Lugar que me faz bem, que me enxergo e que faz as pessoas me enxergarem da forma que eu sou. Lugar de possibilidades e de descobertas de si.

Como havia citado no tópico anterior, a descoberta aconteceu na disciplina Trajetória de Si, que foi ministrada pela **Dr^a Wladilene Lima¹⁴** (Wlad Lima) e **Msc. Andréa Flores¹⁵**. A cada aula as professoras nos dava um indutor (tema) para a apresentação de um pequeno monólogo sobre nossa vida, utilizando apenas um lençol que serviria de objeto e/ou figurino cênico para compor a cena.

A partir daí o trabalho de construção acontece, ativo minhas memórias, apesar de muitas me machucarem. A cena é presente, mas me leva ao passado, pois os indutores são lembranças antes mesmo de meu nascimento à momentos de infância e adolescência.

Os indutores eram “*Como fui gerado(a)?*”, “*Momento marcante da infância*”, “*O primeiro contato com a arte*”, “*Um segredo*” e “*Um desejo*”. A cada semana as imagens desses indutores ocupava mais minha mente, me fazendo chegar mais perto de meu devir-transbela, pois a cada semana descobria pistas sobre minha orientação sexual. Para um melhor entendimento, apresento a construção de um quadro com as seguintes categorias: indutor, imagem-lembrança e espaço. Lembrando que para a construção dessa cartografia o indutor “como fui gerado(a)?”, teve a colaboração de minha tia Luzia, pois eu não poderia ter lembranças de quando eu não era nascida, portanto a minha imagem-lembrança foi construída através de seu depoimento.

Quadro 1 – Trajetórias de si

Indutor	Imagem-lembrança	Espaço
Como fui gerado(a)?	Aborto espontâneo	Minha casa
Momento marcante da infância	Minha madrinha	Forte do Castelo
Primeiro contato com a arte	Quarto/Escola	Escola de teatro e dança
Um segredo	Corpo	Rua e Praça da República
Um desejo	Teatro	Igreja da Sé/ Teatro da Paz/ Teatro Universitário Claudio Barradas

Fonte: Elaborado pela autora

¹⁴ Wlad Lima: atriz, cenógrafa e diretora de teatro. Professora doutora, pesquisadora da ETDUFPA- escola de teatro e dança da ufpa. Diretora artística do Grupo Cuíra. Proprietária e administradora do Teatro Porão Puta Merda.

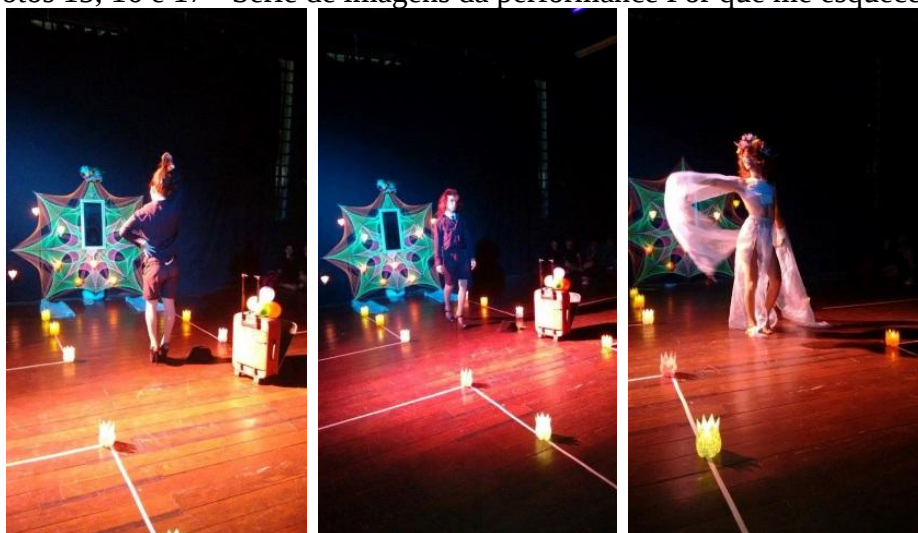
¹⁵ Andrea Flores; Professora e doutora da Universidade Federal do Pará- Ufpa. Ministra as disciplinas: Pensar histórico no teatro, trajetória de si.

As primeiras pistas da minha transexualidade, acontece a partir do indutor da minha infância, pois percebo o quão eu gostava de está perto e de ver o que minha madrinha estava fazendo. Era uma admiração ao vê-la cozinhar, a forma de se vestir, de se maquiar e eu ali ao lado observando e imitando-a sem que a mesma percebesse. Quando pouso no primeiro contato com a arte o desejo de se sentir uma menina aflora, pois eu não queria fazer o personagem masculino, eu queria ser a garotinha que usava o vestidinho branco, porém isso não foi realizado, por causa da heteronormatividade das pessoas que estavam envolvidas no processo, acabei virando motivo de piada e discriminação dos mesmos.

Chegando ao segredo e o mais importante para mim, pois foi onde pude ter pistas de minha transexualidade, me encontro com meu maior medo, a minha aparência. O segredo que levei para as professoras foi a tristeza de me olhar ao espelho e não me reconhecer naquele corpo. Por que aquele sentimento de negação com meu corpo? Eu precisava entender o que se passara comigo.

Quando acabo de apresentar o meu trabalho final com todas as cenas, a professora Wlad vira-se em minha direção da um sorriso e fica me observando, eu estava nervosa pois não dizia nada. Quando ela começa a falar o nervoso se transforma em conforto. Em certo momento nos seus comentários sobre o meu trabalho ela diz o seguinte: “Você é uma diva!”. Esse comentário me atravessa, trazendo comigo até o terceiro semestre da graduação, quando meu corpo cruza com a performance, disciplina ministrada pela **Dr^a Karine Jansen**¹⁶.

Fotos 15, 16 e 17 - Série de imagens da performance Por que me esqueceste?



Fonte: Acervo próprio

¹⁶ Karine Jansen: Professora e doutora na Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Ensino em Artes Cênica, atuando principalmente nos seguintes temas: performance, artes cênicas, teatro, ensino das artes e memória

A minha performance, cujo o título era “Por que me esqueceste?”, foi o que eu digo de (re)nascimento, pois foi o momento em que o devir-isabella aflorou e veio à tona. Aquela performance era o fim e o recomeço. O fim do nome de batismo, Rafael Conceição Barros, e de todo a norma padrão que aquele corpo vinha recebendo da infância à adolescência. E o recomeço, agora como Isabella Valentina Conceição Barros, uma mulher, transgênero.

A performance trazia vários signos (mala, vela, figurino masculino, borboleta, balões, flores, diário, maquiagens), porém alguns eu resgatei para essa nova poética, que foi o espelho e o par de salto alto, sendo estes os mais representativos nessa minha trajetória.

Essa performance e a minha poética que é esse teatro performativo, são performances de identidade que é “envolvida com as preocupações, os desejos e mesmo a visibilidade dos normalmente excluídos por raça, classe ou gênero, pelo teatro tradicional ou mesmo pela performance moderna” (CARLSON, 2009, p. 163). Isso surgiu durante os anos de 1970 e 1980, onde se desenvolveu a performance preocupada com os homossexuais e as minorias étnicas. Logo se veio a denominar performance de resistência entre os teóricos e performers. O autor cita o seguinte:

Aqui entretanto, nossa preocupação não é com a performance subversora, mas com a performance habilitante, que propicia um campo para a construção ou a expressão da identidade. (CARLSON, 2009, 176)

A minha performance foi essa construção da minha identidade, a busca de quem eu sou de fato, uma mulher transexual em devir. O corpo-rafa dando lugar à alma-bella, que a partir daquele momento será corpo e alma da Isabella, um corpo cheio de cicatrizes, porém um corpo de resistência.

A partir daquele dia, a minha vida recomeça do zero, os meus amigos, colegas e conhecidos teriam uma forma de tratamento diferente agora comigo. No início foi meio difícil para alguns, pois me conheceram com o nome antigo de registro, mas depois se acostumaram e começaram a me chamar de Bella, de Isa, de Valentina. Para outros eu tive muitos constrangimentos, pois não queriam de jeito nenhum me tratar como uma mulher trans, achavam que eu estava louca, que não era certo. Foi então que acabei cortando a relação de amizade que tinha com eles, e nunca mais voltei a falar com os mesmos. Mas os constrangimentos em relação a mim acontecem até hoje, quando vou a uma consulta, ao shopping, a qualquer lugar, eu ainda ouço certas pessoas me tratarem no masculino, sendo muito difícil pra mim no começo, mesmo apresentando a minha carteira de nome social, eu chorava muito quando isso acontecia. Hoje quando alguém vem me tratar no masculino, eu

digo que não é ‘ELE’, é ‘ELA’, ou às vezes ignoro, porque chega a cansar toda vez eu ter que dizer como eu quero ser tratada. Será que eles não veem como estou vestida? Ou eles pensam que aquilo é uma fantasia ou personagem que estou fazendo? Parece que só enxergam o meu gogó, os pêlos crescendo e o pênis mesmo sendo escondido na calcinha apertada. Isso é um dilema que eu e todas as pessoas transexuais temos de passar diariamente.

Sobre a questão do meu corpo, eu tive de me acostumar a certos incômodos, sendo um deles o pênis jogado para trás preso com fitas de esparadrapo e uma calcinha apertada. Eu tinha muito receio no começo, principalmente nas aulas práticas de teatro, pois aquilo me apertando me incomodava muito chegando a doer muitas das vezes. Aos poucos fui utilizando roupas mais largas e vestidos que evitava eu fazer aquilo, para não me sentir mais incomodada. O teatro foi me libertando de certas vaidades desnecessárias que tinha com o meu corpo. Isso me ajudou muito a evoluir como atriz e a me aceitar mais. Uma delas foi à disciplina de *Clown* ao qual temia muito por se tratar da palhaçaria. Tinha muito receio em expor o meu lado engraçado, por que eu não via graça em mim, no meu corpo, na minha infância e adolescência e achava que expor essas minhas cicatrizes de forma divertida, eu não iria me sentir bem. Mas com o tempo e com os exercícios que o professor passava em sala de aula aquilo que eu chamava de receio se transformou em alívio, pois a minha clown que se chama “Dinha Didinha” (uma homenagem a minha madrinha), transformava essas cicatrizes que eu tinha em momentos felizes, de descontração, que me fazia rir dos meus próprios medos e receios e colocar tudo isso pra fora, pra cena.

Foto 18 - Aula prática de Clown



Fonte: Acervo próprio.

O curso de licenciatura em teatro me ajudou muito nesse processo do devir-isabella, a sorrir e a me enxergar aos poucos da forma que sou, a não mais me questionar ao me olhar no espelho e negar o meu corpo. É claro que eu almejo em conquistar o corpo dos quadris largos, dos seios, sem o gogó, mas até lá, eu preciso me enxergar com esse ‘corpo estranho’ que estou agora, ao qual tenho que ter uma relação amigável, e com isso o teatro me ajuda na questão da paciência que nós pessoas transgêneros muitas das vezes não temos e queremos logo está no corpo ao qual pertencemos. Ajuda-me também a encorajar esse meu corpo subversivo a enfrentar corpos machistas, heteronormativos e patriarcais. Enfim o teatro sempre vai ser esse amor que eu tenho por ele, mas também é a minha força pra continuar seguindo e lutando nesse meu processo transexualizador.

3.3 A dor e a delícia hormonal

Durante esse um processo de descobertas sobre a minha transexualidade, eu estava esperando chegar o momento mais aguardado por mim e talvez pra noventa por cento das pessoas transgêneros, a mudança do corpo anatômico.

A fase da hormonização veio logo após eu descobrir a existência de um ambulatório que é especializado no tratamento de pessoas travestis e transexuais. O ambulatório TT como é chamado, é um programa do SUS (sistema único de saúde) que possui de várias especialidades como assistente social, endocrinologista, psicóloga, nutricionista, fonoaudióloga, psiquiatra e enfermeiro. O tratamento é de dois anos.

Todo um processo é feito, em que passei primeiramente por uma triagem com a assistente social e logo após fez se o cadastro para dar início ao tratamento. As primeiras consultas foram com a psicóloga, contei toda a minha história de vida e as primeiras impressões de eu ser uma mulher transexual, e disse da minha vontade e do meu desejo em querer fazer a cirurgia de transgenitalização. Passado pela psicóloga e por outras especialidades chegou o momento em que tive a primeira consulta com a endocrinologista, um monte de exames de sangue e de imagem foi solicitado por ela. Para mim estava tudo ‘perfeito’, pois eu finalmente iria começar com a mudança do meu corpo de forma segura e saudável. Foi então que o que eu chamava de ‘perfeito’ começou a desmoronar.

Os exames pedidos pela endócrina foram todos gratuitos feito pelas unidades e hospitais públicos de saúde de Belém, porém a demora em marcar, fazer o exame e receber os resultados era grande, pela demanda de muitos pacientes do estado todo e até de outros, essa é infelizmente a realidade de nosso país.

Foram em média uns sete meses para eu ter todos esses exames em mãos, quando obtive todos eles, um sorriso no rosto e um suspiro de alívio, pois com aqueles exames finalmente a médica receitaria meus hormônios, mas infelizmente isso não aconteceu pelo fato de um exame de imagem ter dado um aumento na minha próstata, ela disse que não poderia passar porque eu precisava ir a um urologista vê o que era. Fiquei triste, porém preocupada em saber o que eu tinha, quando fui pedir o encaminhamento para o médico, fui informada que essa especialidade estava em falta nos órgãos públicos de saúde da capital. Nesse momento em que eu estava completamente cansada mentalmente e corporalmente nesse tempo que passou, eu desisto do tratamento e abandono. Começo então a me automedicar, vou à farmácia e compro um anticoncepcional injetável, e a partir daquele momento todos os meses eu aplicava o medicamento.

Com o passar dos meses percebo as diferenças no meu corpo, começo a ganhar peso, os quadris se alargam, os seios começam a crescer, a pele fica mais fina e sensível e os pêlos não crescem mais de forma rápida, mas também sentia muita fome, sono, cansaço, o bico do seio doía. Sendo assim, registrava a cada mês as mudanças que hormônio fazia em meu corpo.

Foto 19 - 1º mês de
hormonização



Foto 20 - 2º mês de
hormonização



Foto 21 - 3º mês de
hormonização



Fonte: Barros, 2017

Foto 22 - 5º mês de
hormonização



Foto 23 - 7º mês de
hormonização



Foto 24 - 8º mês de
hormonização



Fonte: Barros, 2017

Foto 25 - 10º mês de hormonização



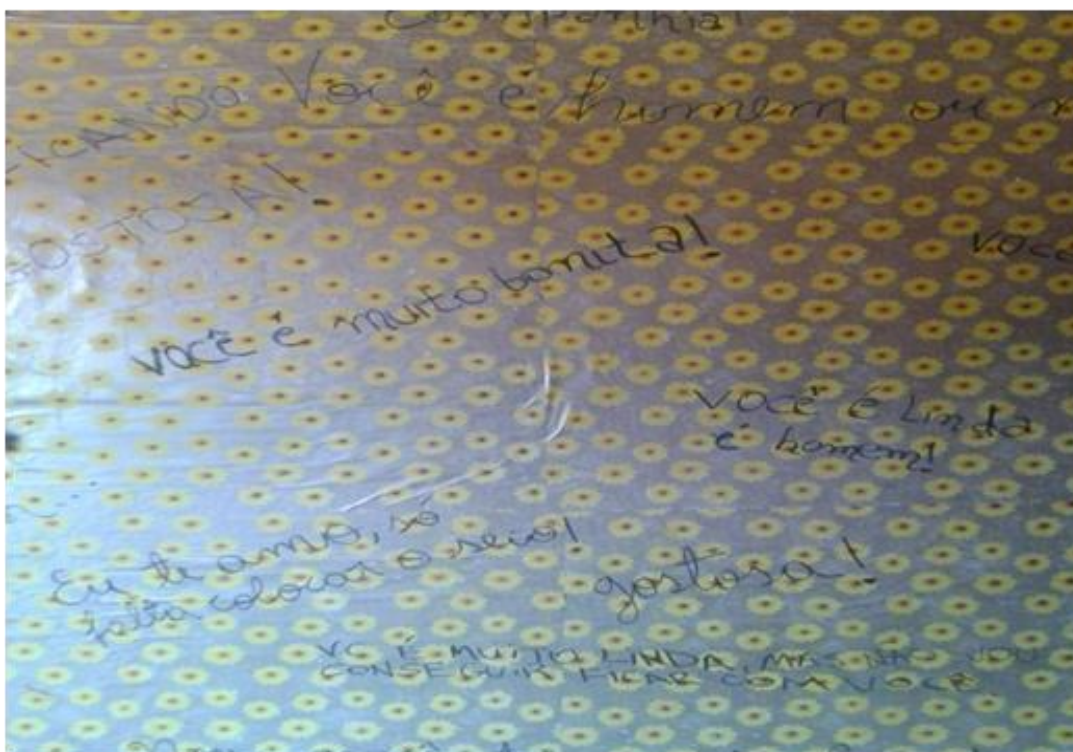
Fonte: Barros, 2017

Com o passar do tempo e muito contente por estar conquistando um corpo que eu almejo, as coisas começam a mudar mais não só no meu corpo. Começo a receber olhares de dúvida pra saber se eu era um homem ou uma mulher. Esses olhares logo se transformaram em elogios por parte de uns, em assédios por parte de outros e de preconceito por parte de muitos. Os homens começaram a se aproximar de mim querendo algo sexual ou até mesmo pra ter um relacionamento. Porém muitos achavam que eu tinha uma vagina entre minhas pernas, e quando dizia que era uma mulher transexual, seus olhares cheios de desejo e de paixão logo se tornavam em preconceito, alguns iam embora, outros queriam ficar, mas apenas naquele momento e que fosse algo sigiloso. Os restantes dos homens que sabiam que eu era uma mulher transexual queriam que eu matasse a sua curiosidade, por que eles queriam saber como é ficar com uma mulher transgênero.

Esse episódio da minha vida foi muito difícil e doloroso pra mim, por conta das frases que escutara deles, pois apesar de algumas frases serem elogios, outras eram puramente dolorosas pra mim. Foi então que escrevi todas essas frases que escutei na parede do meu quarto, pois eu queria toda vez que entrasse no meu quarto ao me deparar com elas lê, para

ganhar forças e que aquilo não me afetasse mais quando ouvisse de novo e pudesse me defender, pois essas frases eu escuto até hoje, porém toda vez que eu ouço de forma maliciosa e preconceituosa, eu dou uma resposta à altura.

Foto 26 - Frases escritas na parede do quarto



Fonte: Acervo próprio.

“Foi muito bom ter sua companhia... seu sorriso é lindo... linda, gostosa... nossa você tá muito bonita... sempre bela... você é maravilhosa... vou ter dar metade do meu coração... meu sonho é ser pai, e gostaria muito que você fosse a mãe... você se tornou especial pra mim... ei, psiu... eu sou a única pessoa que te entende e te ama de verdade... você tá cada dia mais mulher... mas você é homem ou mulher?... não acredito, você não pode ser homem, você é tão bonita e feminina... OPS, desculpa, pensei que fosse uma mulher... você é linda mas é homem... bela... eu te amo, só falta colocar o seio... você vai ser minha amante... quando você colocar o peito, eu vou ser teu namorado... você é perfeita assim...

A maioria me olhava como se eu fosse um objeto de desejo, mas teve um dentre todos eles, que teve um amor de verdade, uma parceria, um cuidado, porém o destino acabou deixando cada um seguir o seu rumo e seguirmos por caminhos diferentes.

Passado um ano e dois meses, os hormônios ao qual estava tomando começou a me causar mais dor, sentia certas palpitações em meu peito, respiração ofegante, coração acelerado e o medo de a qualquer momento ele parar. Foi então que fiquei em linhas cruzadas, parar ou continuar. Foi que um dia passei mal na escola de teatro e fui para o hospital, esse foi o momento de eu dizer para eu parar de tomar e cuidar da minha saúde.

Foram cinco meses sem tomar os hormônios, e tudo o que eu tinha conquistado com a medicação, estava indo embora de meu corpo, comecei a perder peso, e isso estava me deixando muito aflita e triste. Resolvi voltar com o tratamento no ambulatório TT. Comecei do zero e tive que fazer todos aqueles exames de novo, porém fiz de forma mais rápida, pois os exames de imagem, eu fiz graças à ajuda financeira que tive de meus professores da Escola de Teatro e Dança da Ufpa.

Com exames todos prontos volto com a médica endocrinologista, e descubro que a minha próstata estava com o tamanho normal com esse novo exame de imagem. Então pergunto para ela por que o outro que fiz na unidade pública deu esse aumento? Ela me respondeu que talvez na hora eles fizessem rápido demais e deu erro no exame. Eu naquele momento fiquei chateada, pois passei mais de um ano achando que tinha algo grave. A médica pediu desculpas e então passou os hormônios e os bloqueadores hormonais.

Atualmente, estou indo regularmente as consultas e fazendo de forma correta a medicação. O processo tá um pouco mais lento, mas estou contente em poder está bem e está tomando de novo, agora de forma segura.

4 DAS CICATRIZES FAZER POTÊNCIAS POÉTICAS

4.1 Processo de (DES)construção

Para dá vida a minha poética, desenhei um roteiro de possíveis ações para ser experimentadas nela.

- (Trans)ição:
O Rafael se tornando Isabella
- (Trans)sexualidade:
A Isabella com a mudança do corpo (hormonização)
- (Trans)formações:

O corpo hormonizado de uma mulher trans sendo atravessado pelo teatro.

Esse roteiro foi elaborado a partir do diagrama apresentado no primeiro capítulo desta cartografia, sendo o tópico ‘(Trans)formações’ as linhas transversais do diagrama, ao qual meu corpo é atravessado por essas linhas da subjetividade que é o teatro.

Com isso, começo a experimentar ao qual denomino como processo de (DES)construção, abro em parênteses pois essa poética não se limitará a ser um processo com início, meio e fim e muito menos seguir um padrão. Essa poética é um GRITO, um grito do corpo que não se enquadra no binarismo e é todo dia atacado pela heteronormatividade. É a desconstrução desse padrão enquadrado e enraizado. É a transformação de corpos, não esteticamente, mas sim transformando esses corpos em potências, digo agora no plural, porque não é só o meu corpo que grita por aceitação e respeito, mas o corpo de todas as pessoas travestis e transgêneros que todos os dias são atacados, assediados e mortos.

Com essa (DES)construção, a minha primeira experimentação é reescrever esses tópicos do roteiro que elaborei em momentos sob a orientação de **Vandiléa**, ao qual ficará responsável pela direção desta poética. Começo a reescrever em momentos que ficou da seguinte maneira:

- 1º momento- livrando-se do isolamento, padrão, enquadramento;
- 2º momento- os devires andróginos;
- 3º momento- a hormonização;
- 4º momento- a professora-artista-transexual.

Após isso começo a preparar meu corpo. Amarro meus cabelos de trás pra frente, a ideia era cobrir o meu rosto com o cabelo dando sentido ao isolamento e a algo censurado.

Fotos 27, 28 e 29 - Série de imagens da primeira experimentação para a cena.



Fonte: Acervo próprio

Com os cabelos amarrados e o corpo pronto, começo a receber as orientações da Vandi, que pediu para eu imaginar como se eu estivesse dentro de uma bolha com pessoas ao meu redor, formando essa bolha. Somente a pele de meu corpo precisara se movimentar, para que as pessoas imaginárias pudessem perceber. Nesse momento do exercício a sensação que tinha era de está presa de fato, pois aquele cabelo amarrado em meu rosto estava me agonizando e me causando incomodo, era como se eu estivesse realmente isolada e censurada nessa bolha, eu já me sentia com certa exaustão, pois eu queria movimentar todo o meus braços e pernas, mas a priori era só a pele, essa pele que digo que é uma capa, essa capa que protege e ao mesmo tempo esconde o nosso interior. É isso que acontece com nos pessoas transgêneros especificamente, a sociedade heteronormativa nos julga pela “capa”, para eles você não é uma mulher tendo um pênis entre as pernas e nem um homem tendo uma vagina. Até hoje meu corpo é bombardeado de frases de que eu não sou uma mulher por conta do órgão sexual. É um julgamento diário dessa capa(pele) que vai se desfazer e apodrecer com a nossa morte, porém não querem entender.

A partir disso me vem duas imagens-lembranças, a primeira imagem foi um trabalho feito no curso técnico de figurino cênico.

Foto 30 - O trabalho feito de colagem



Fonte: Acervo próprio

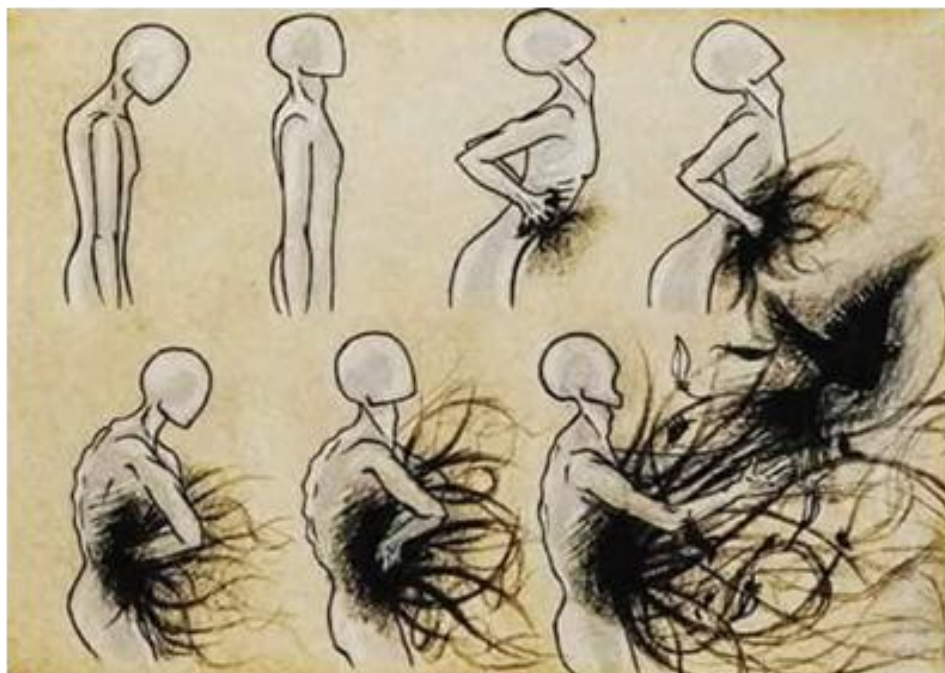
Na imagem feita com colagem, no estilo movimento do **dadaísmo**¹⁷, eu quis me representar e mostrar o tabu ao qual tinha com o meu corpo. Então coleí um corpo nú de uma mulher cobrindo o seu órgão genital com as mãos, um pássaro voando, que representava a minha liberdade do padrão binário. Um cadeado solto, que também significava um desprendimento desse padrão. O troféu representava conquistas e vitórias ao qual tinha até então naquele tempo conquistado. Palavra e frase também que serviu para dá um título ao meu trabalho. Porém a frase “sou uma mulher presa em um corpo de homem”, eu peguei de uma entrevista feita com a transexual **Léa T**¹⁸, ao qual disse essa frase para a matéria de uma revista sobre atualidades. Quando fiz essa atividade, no ano de 2016, eu me sentia como a Léa T, uma mulher presa num corpo de homem, porém, com o passar dos anos, apesar de ainda querer fazer a cirurgia de transgenitalização, eu comecei a aceitar mais o corpo que

¹⁷ Dadaísmo: movimento artístico da chamada vanguarda artística moderna iniciado em Zurique, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, no chamado Cabaret Voltaire.

¹⁸ Léa T: nome artístico de Leandra Medeiros Cerezo, é uma estilista e modelo brasileira que tornou-se famosa na Europa como uma das estrelas de uma campanha da grife francesa Givenchy, em 2010, e por causa de um ensaio fotográfico nu para a edição de agosto de 2010 da revista francesa Vogue.

tinha com o qual tinha vergonha há três anos. E essa aceitação do corpo eu aprendi com o teatro, no qual me vem a segunda imagem aqui exposta.

Figura 1 – Libertação



Fonte: Autor desconhecido

Essa imagem foi enviada para mim através das redes sociais, por um colega de classe da turma de licenciatura em teatro. Acho importante expor, pelo significado que ela tem para mim e que dialoga muito bem com essa capa(pele) de que estou tratando aqui.

É a essência, o interior se livrando dessa pele que “camufla”, que nos tenta enquadrar num padrão homem/mulher. É a liberdade dos nossos desejos, dos nossos gostos, de ser o que somos de fato.

Essas foram as minhas sensações e as imagens que veio, fazendo essa primeira experimentação para a minha poética, construindo todos esses momentos, porém até o momento da harmonização, pois comecei a chorar e pedi para a Vandi para pararmos por ali. Sentamos e conversamos um pouco sobre esses momentos até eu ficar mais calma e aliviada.

No segundo dia de (des)construção da poética, usamos alguns materiais ao qual já tinha pensado em utilizar nessa poética. Dentre eles, um espelho, uma faixa de isolamento,

esparadrapo e um lençol. Esses materiais são os mais importantes e que farão parte dessa poética, então minha diretora pediu para que eu explicasse o porquê dos objetos e logo em seguida, experimentá-los na cena, como eu tinha idealizado, seguindo da primeira experimentação dividida em momentos.

4.2 Livrando-se do isolamento, padrão, enquadramento.

Fotos 31, 32 e 33 - Série de imagens da segunda experimentação para a cena



Fonte: Acervo próprio

Com o corpo despido, utilizei o esparadrapo para encobrir os seios e para esconder o pênis e ficar no formato de uma vagina, geralmente feito e falado pelas trans, travestis e drags na linguagem do *pajubá*¹⁹ de “*aquendar ou trucar a neca*”²⁰.

Após isso a Vandí me ajudou amarrando em volta de todo o meu corpo a faixa de isolamento. Com o corpo já todo encoberto e amarrado que chegava a me incomodar e me dar certa aflição, comecei a experimentar.

Ao som de “Não recomendado” cantado por Caio Prado, primeiramente desamarrei um nó da faixa e de forma lenta e delicada, comecei a me desfazer daquilo, a Vandí me pediu para eu tirar a faixa de forma mais bruta, sem procurar uma forma fácil de tirar, que era o que eu estava fazendo, mas sim puxar, rasgar essa faixa. Sob essa orientação, minha

¹⁹ Pajuba: Tanto no candomblé como na comunidade LGBT, a palavra pajubá ou bajubá tem o significado de “fofoca”, “novidade”, “notícia”, referente a outras casas ou fato ocorrido (tanto de coisas boas, como de coisas ruins) nesses círculos.

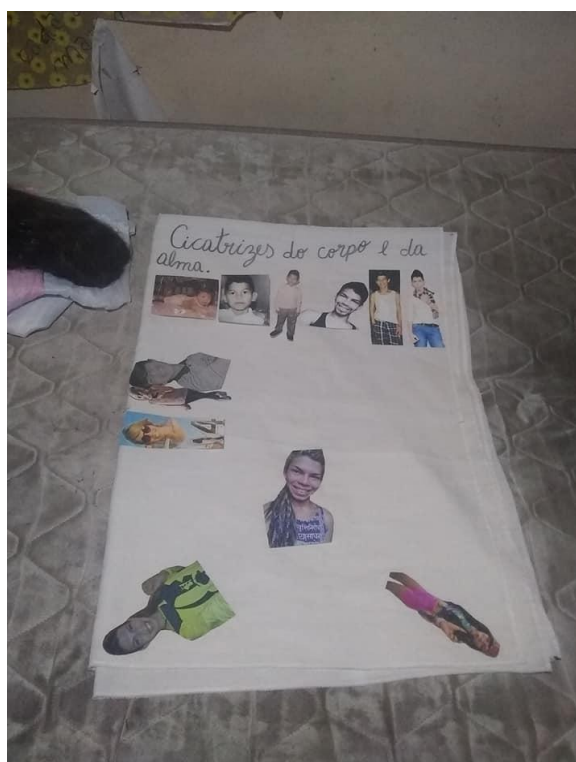
²⁰ Aquendar a neca: é uma palavra do dialeto africano usado no Candomblé muito usada como gíria gay (Andar; Fazer; Olhar; Prestar atenção; Paquerar; Fazer alguma função; Ir em frente)

pele começou a receber certos apertos com o atrito da faixa ao qual eu puxava violentamente. A sensação que eu tinha puxando aquilo era de eu estar realmente rasgando a minha pele que apesar do incomodo, eu me sentia cada vez mais aliviada e liberta. Então me veio lembranças da minha infância-adolescência, num padrão que eu não queria seguir, do meu isolamento por que era diferente dos outros garotos, e cada vez que eu lembrava disso, eu rasgava com mais força querendo me livrar logo dessa faixa que significa essa pele padrão binária que NÃO ME REPRESENTA, que significa a sociedade heteronormativa que NÃO ME REPRESENTA, que significa isolamento por ser considerada uma aberração que NÃO ME REPRESENTA. Eu quero ser livre e ser quem eu sou, eu não quero ser uma mulher presa num corpo de homem como na figura 1, eu quero o meu corpo sendo livre como na figura 2. Portanto ao sair de toda aquela faixa amarrada que me censurava, um grito de vitória ecoou: LIIIVREEE!!!!

4.3 Os devires andróginos

O momento devir-andrógino o lençol ganhará destaque, pois ele junto ao meu corpo será o mapa a ser cartografado. Dobro ele em quatro partes, onde em cada parte que desdobro revelam-se os capítulos dessa pesquisa.

Foto 34 - Primeira parte do lençol em processo de construção.



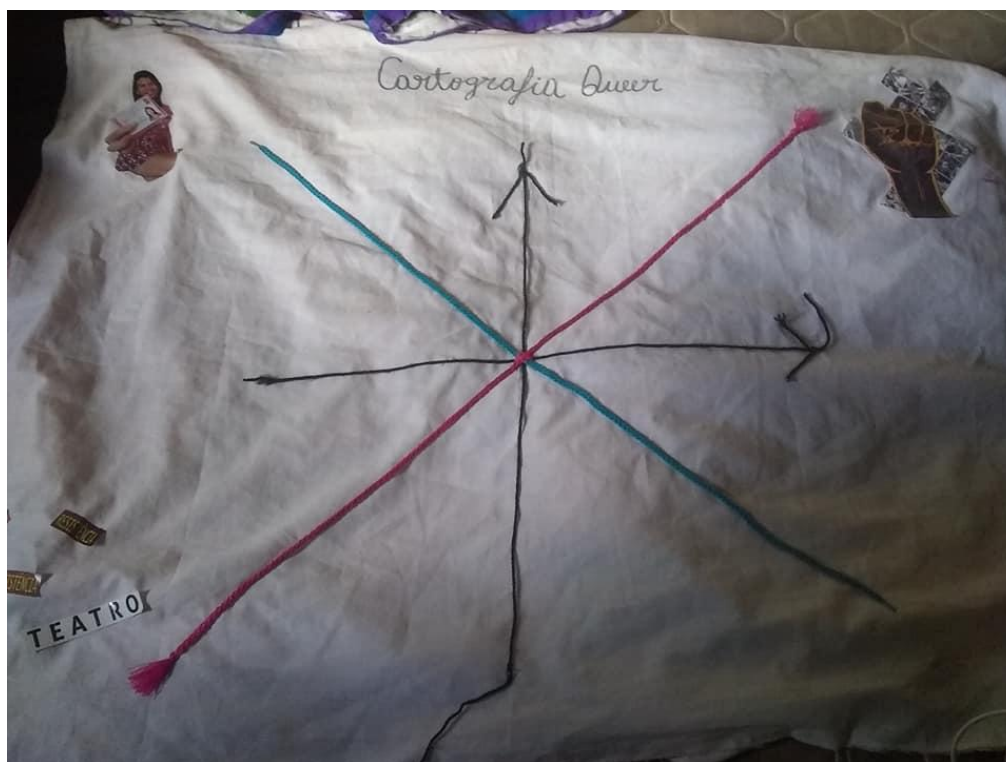
Fonte: Acervo próprio

A primeira parte deste lençol serão as cicatrizes do corpo e da alma. É onde vou dar as primeiras linhas horizontal e vertical do meu diagrama da adolescência-rafael. Nesse momento da minha poética, utilizarei das quatro variedades da atenção do cartógrafo, citado lá no capítulo dois desta pesquisa. O primeiro sendo o rastreio, no qual o lençol irá percorrer o meu corpo, nesse sentido de rastreamento, acompanhando as mudanças da adolescência para o devir-andrógino com velocidade e ritmo.

Já na fase andrógina e ainda não se identificando quando se olhava no espelho, chega-se ao toque, que é sentido como uma rápida sensação. A primeira sensação de que eu não era ainda aquele ser afeminado ao qual me enxergava. Vem-se então o travestimento (uso de perucas, maquiagens e entre outros).

O pouso que é a parada de campo e o campo se fecha numa espécie de zoom, que a minha entrada na Escola de Teatro e Dança da Ufpa, formando o meu corpo em um novo território, os devires-valentina. Esses devires é as linhas transversais de meu diagrama, exposto na segunda parte do lençol, no qual essas linhas vêm quebrar todo o enquadramento, o binarismo e o padrão simbolizados nas linhas horizontais e verticais.

Foto 35 - Segunda parte do lençol em processo de construção



Fonte: Acervo próprio.

Nessa segunda parte do lençol também coloco imagens dos devires-valentina no teatro.

Na terceira parte, ela se torna como se fosse uma cama, lugar que geralmente eu paro pra pensar, refletir, recordar chorar e sorrir. Nela eu utilizo da ultima variedade que é o Reconhecimento atento, sendo este um trabalho de construção, percorrendo os múltiplos circuitos em sucessivos relances, porém, sempre incompletos.

Foto 36 - Terceira parte do lençol em processo de construção



Fonte: Acervo próprio.

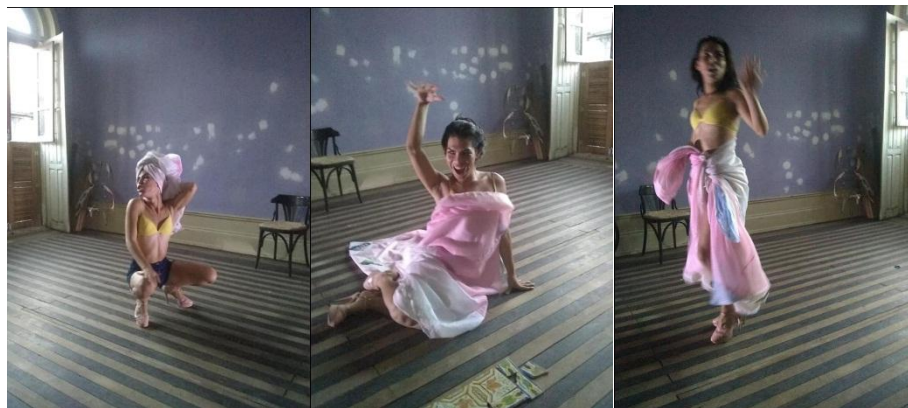
Nesse momento minhas imagens-lembranças serão reativadas com minha trajetória de si (como fui gerado?/ momento marcante da infância/ o primeiro contato com a arte/ um segredo/ um desejo), até o momento em que chego na performance, o (re)nascimento da mulher transexual Isabella Valentina, e então a ultima parte do lençol é exposta, com a bandeira do orgulho trans sendo revelada.

Após esse momento a frase dita feita pela professora Wlad Lima, “você é uma diva!” se transforma num **lipsync**²¹ feito por mim, da musica Androginismo da banda Almondegas,

²¹ Lipsync: é um termo técnico para combinar os movimentos dos lábios com a voz e pode se referir a qualquer um de uma série de técnicas e processos diferentes.

utilizando um par de saltos alto e o lençol, no qual se transforma em vários tipos de figurino no decorrer da dublagem.

Fotos 37, 38 e 39 - Série de imagens da construção da cena do androginismo



Fonte: Acervo próprio

Quem é esse rapaz, que tanto androginiza, que tanto me convida, pra carnavalizar.

Que tanto se requebra, num céu de um salto alto, e usa anéis e plumas, a lantejoulizar.

Que acende e manda beijos, pra todos os seus amores, e vive sempre as cores, pra escandalizar.

A minha mãe falou que é um tipo perigoso, e vive sorridente, fazendo quá, quá, quá.

O meu pai me contou que um dia viu um cara, num cabaré da zona, dançando tchá, tchá, tchá.

Quem é esse rapaz, que tanto androginiza, que tudo é marquisa, pra dissocializar.

Com mil e um viado, esbuxando o seu foguete, que lembra um sorvete, pra refrescalizar.

Cuidado aí vem ele, é um circo, é um cometa, abana, abana, abana, que é Papai Noel.

Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel.

4.4 A Hormonização

Ao acabar a música, entra o momento da hormonização, as primeiras injeções de anticoncepcional tomadas, a mudança do corpo e os efeitos colaterais. Chegando a essa fase, é quando eu me encontrava mais sensível. Com essa mudança do corpo, vem-se os assédios, as frases que decerto, algumas são elogios, porém a maioria são machistas, assediosas e preconceituosas. Meu corpo recebendo olhares como se fosse um objeto sexual.

Para representar todo esse momento na minha cena, me dispo do figurino que utilizo (uma calcinha, um sutiã, um espartilho e um aplique de cabelo), dizendo as frases ditas pelas pessoas, ficando apenas com um esparadrapo colado em meus seios e pênis ao qual significa toda essa fase que vivi de alegria e de dor, tomando os hormônios femininos. Logo em seguida retiro os esparadrapos de meu corpo, ficando totalmente despida e livre pra ser quem eu sou: Isabella Valentina, uma mulher transexual, professora-artista.

4.5 A professora-artista transexual

O ultimo momento, sendo este não o fim, são esses atravessamentos conquistados, a conquista de dar aulas, a conquista dos trabalhos artísticos como atriz e como figurinista que fiz e que venho fazendo, e as outras conquistas que virão com minha formação em licenciatura em teatro.

Importante também dizer, o quão o teatro me ensinou e transformou. Ensinou-me a aceitar a forma que eu sou, com o corpo que tenho, sem medos das críticas da sociedade heteronormativa. Transformou-me numa mulher forte que me fez cicatrizar todos os meus medos, minhas angústias e minhas aflições, me tornando hoje essa mulher BELLA e VALENTE.

É assim que eu termino, mas sem parar, caminhando por aí a procurar, rir pra não chorar.

Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar.

*Quero assistir ao sol nascer, ver as águas dos rios correr, ouvir os pássaros
cantar.*

Eu quero nascer, quero viver.

Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar.

Se alguém por mim perguntar, diga que eu só vou voltar, depois que encontrar.

*Quero assistir ao sol nascer, ver as águas dos rios correr, ouvir os pássaros
cantar.*

Eu quero nascer, quero viver.

Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar.

(Música: Preciso me encontrar. Voz: Liniker e Ilú obá e min).

4.6 As apresentações (descobrimos potências transformadoras)

Foi no começo de uma noite de sexta-feira, que eu iria apresentar a minha cena para um público de fato. Porém esse público era “específico”, pois se tratava de alunos do curso de psicologia. Para um melhor entendimento disso, eu recebi o convite de um professor da Universidade Federal do Pará- Ufpa para ir à sua aula, cujo assunto era o **esquizodrama**²² e apresentar a minha cena para seus alunos no quintal de sua casa, em que lá também funciona um bar restaurante que se chama tardes, noites e quintais, um espaço de resistência e afeto.

Pensei em colocar o público na espécie de palco arena, escolhi esse tipo de palco para representar essa bolha imaginária ao qual vivia antes, essa prisão do corpo e da alma. Dentro dessa bolha, sob esses olhares vistos de vários ângulos, eu transformo o meu corpo subversivo em potência, e quebro essa bolha, saindo completamente dela. Coloquei então as cadeiras em círculo e fiquei aguardando eles chegarem.

Estava ansiosa para vê-los e com certo nervoso, pois eram espectadores que não eram acostumados a ir a um teatro vê uma peça, um espetáculo, performances e entre outros. Porém, ao mesmo tempo feliz em poder levar o teatro até eles, através da minha poética.

Quando os alunos começaram a chegar, foi o momento de eu me preparar, fui para um canto da casa e me arrumei, logo após, comecei a preparar o meu corpo, me aqueci e concentrei toda a positividade que minha fé poderia me dar. Foi então que minha diretora me ajudou a enrolar a fita de isolamento sobre o meu corpo, a partir dali ativei as minhas imagens-lembranças, de tudo que eu passei e de tudo o que o meu corpo sofrera quando era imposto a seguir um padrão. De fato, estar ali toda amarrada com aquela fita te prendendo, é uma sensação de solidão, de medo, de censura, de não poder falar. É um enquadramento

²² Esquizodrama: arte de criar múltiplos dispositivos de intervenção, tanto clínicos como sociais.

total, tudo o que você quer é sair dali, daquela prisão. Isso era tudo que eu sentia com minhas lembranças e aquilo amarrado em mim.

Comecei a andar pela casa, até chegar ao quintal. Nesse percurso a dificuldade em me locomover era grande, o corpo subversivo de uma mulher transexual, vencendo os obstáculos com todas essas dificuldades, que é a opressão, o preconceito e toda a negação, esse era o meu pensamento naquele momento em que estava caminhando para o quintal. Chegando lá, já com uma respiração ofegante, iniciava-se o momento de me livrar do isolamento, foi então que comecei a puxar as fitas com certo esforço. Com essas puxadas as fitas se rompiam sobre o meu corpo até ficar totalmente livre de tudo.

Ao tirar o último pedaço que restava sobre o meu rosto, abro os meus olhos e olho para o público em volta de forma rápida à procura do espelho que estava com um deles, quando o avisto, vou em direção a ele e me vejo e dou o meu primeiro grito de alívio e me abaixo ficando de cócoras.

Fotos 40, 41 e 42 - Série de imagens do livrando-se do isolamento



Fonte: Acervo próprio

Após isso me levanto e observo os espectadores que estão a minha volta, um por um, queria saber quem era aquelas pessoas que estavam ali só de olhar para elas, ficar mais à vontade com elas, mas íntima, pois a partir dali eu iria me expor e contar a história de minha vida, a ‘transjetória’ do meu corpo subversivo que vai atravessar transversalmente essas linhas horizontais e verticais do meu diagrama.

Pego o lençol dobrado que está no chão e começo a apresentar as cicatrizes do corpo e da alma, a minha adolescência, o meu devir-andrógino e o meu devir-andrógino-travestido. Era um momento como se fosse contação de história. Pego o espelho da mão dos espectadores e dou para outros, interajo com ambos.

Foto – 43 - contação da adolescência



Fonte: Acervo próprio

Quando começo a falar sobre a tristeza de me olhar no espelho e não me reconhecer, sinto uma certa tensão no meu corpo ao dizer aquilo, minha voz começa a diminuir. Tentava buscar forças e palavras para continuar. Essa força começa vim quando pouso no teatro ao descrevê-lo essa minha entrada nesse espaço. É a partir daí que meu corpo é atravessado pelas linhas da subjetividade, ativo minhas imagens-lembranças novamente mas agora sob um outro olhar, o olhar de uma mulher transexual que se assumiu a três anos atrás, desde a performance. Então começo a entender e não me indagar mais do porquê na minha infância eu queria está com minha madrinha e ser ela. Do meu primeiro contato com arte em querer ser uma diva. Do meu segredo em não me reconhecer ao me olhar no espelho. Enfim, nessa trajetória, relembro os meus momentos de diva no quarto, em frente ao espelho, dublando as músicas que escutara na época. Então calço o salto alto, pego o lençol que vai se transformar em vários figurinos no decorrer da dublagem e o ser andrógino vem.

Fotos 44, 45, 46 e 47 - serie de imagens do momento da trajetória ao androgenismo



Fonte: Acervo próprio

Ao terminar de dublar, chega o momento da dor e da delícia: a hormonização.

Talvez o momento mais prazeroso e doloroso ao mesmo tempo, pois é a parte que exponho a minha maior cicatriz que é o meu corpo nú, porém é um corpo de resistência e existência, é com ele que eu acordo todos os dias, é com ele que eu vou à rua, no shopping, na faculdade, na festa. É com esse corpo trans que eu subverto toda a normatividade binária. E com isso eu me transformo num ser humano mais forte e mais empoderado, é com esse corpo que me veste que continuo seguindo.

Fotos 48, 49 e 50 - Série de imagens da hormonização



Fonte: Acervo próprio

Percebo nos espectadores nesse momento, várias sensações ao ver suas faces. Vejo rostos lacrimejados, rostos surpresos e rostos neutros. Essas sensações e olhares que vem atravessando o meu corpo nú na cena me faz chegar no último momento: a professora-artista-transsexual.

É o momento que saio de toda essa bolha imaginária de olhares com o meu corpo despido, sem pudor algum, mostrar a minha transexualidade, a minha arte e a minha vitória que será a formação como professora de teatro.

Fotos 51, 52 e 53 - momento da professora-artista-transsexual na chuva.



Fonte: Acervo próprio.

Esse dia com certeza ficará registrado para sempre em minha memória. Pois quando estava indo para o quintal recitando a música “deixe-me me ir”, gotas começaram a cair do céu e veio-se a chuva. Eu fiquei completamente emocionada e agradecida por aquele momento. A chuva veio pra lavar a alma e o corpo. Aquilo para mim foi a confirmação, foi a benção, foram lágrimas de felicidade. Simplesmente encantador.

Após essa primeira apresentação, tive a oportunidade de apresentar para a turma de calouros (2019) do curso de licenciatura em teatro da disciplina trajetória de si ministrada atualmente pelo professor **Kauan Amora**²³. Tive o privilégio de vivenciar mais um semestre essa disciplina que me fez me descobrir enquanto mulher trans, e também conhecer um pouco mais das trajetórias dos novos alunos.

Revivi momentos, recebi novos afetos por aquelas pessoas. Fazer a disciplina novamente, mas agora como Isabella Valentina. Outras sensações me vieram, sensações agora de me reconhecer. De me olhar no espelho e não ter dúvidas da pessoa que estou vendo. O teatro até aqui me TRANSformou, me atravessou, me fez me enxergar e não me rejeitar da forma como eu me rejeitava antes.

O teatro é o meu espaço, é a minha casa, é onde eu quero viver pro resto da vida e além. E nesse rizoma cheio de linhas, a linha do teatro é aonde irão me encontrar, pois será ali que irei sobrevoar para sempre.

²³ Kauan Amora: Professor da Universidade Federal do Pará- Ufpa. Formado em História pela mesma.

5 CONCLUIR SEM TER UM FIM

A pesquisa ‘TransBella’, sendo este um teatro performativo, é uma pesquisa de falas. Falas não só minhas, mas de todas as pessoas transgêneros, que passam por quase as mesmas situações cotidianas como eu. A dificuldade da aceitação e do respeito. O preconceito pelo nosso modo de vestir, agir e ser quem é. A ansiedade e o desejo pela busca de um corpo. Por isso nos tornamos corpos de resistência por causa dessas situações.

Nessa pesquisa pude perceber que a minha trajetória é realmente um Devir (tornar-se), e afirmo que de todas as pessoas transexuais também. Pois sempre estamos nesse processo de nos tornamos a cada dia, nossas vidas é como se fosse uma construção, porém inacabada, nunca estará completa, por isso o tornar-se. A cada dia é uma luta, para conseguir ser reconhecido (a) pelo nome que nós escolhemos para nos identificar quem somos de fato. Na adequação de um corpo (anatômico) ao qual também nos identificamos como sendo os nossos corpos.

A minha poética é só o meio desse rizoma gigantesco que vai se expandir daqui para a frente. Tive conquistas, vou em busca de outras, me desapeguei de muitas vaidades que o padrão colocava sobre o meu corpo. Sou feliz com o que me tornei e continuarei me tornando. Quando achar que está tudo perdido e acabado, corro para minhas linhas de fuga, me acalmo, penso e volto de novo.

O teatro será sempre o meu refúgio, pois foi nesse lugar que me descobri enquanto uma mulher trans, abriu novos horizontes, descobri mundos, me fez ser um feto novamente e renascer.

Está nos palcos e em cena me liberta dos padrões, da normatividade e do enquadramento. Me sinto livre, aprendo muito com os personagens que interpreto e carrego um pouco deles comigo.

Eu Isabella Valentina, não sou uma apenas uma mulher transexual. Eu sou uma MULHER-TRANSEXUAL-PROFESSORA-ARTISTA. E esse meu corpo que é esse rizoma vai se expandir muito ainda por muitos lugares e espaços.

REFERÊNCIAS

BRASIL, I. A. **Drag Queen**: uma potência transgressora. Orientador: Marcelo de Andrade Pereira. Santa Maria, 2017. 111 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14386/DIS_PPGEDUCACAO_2017_BRASIL_IRAN.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: jul. 2019.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato de Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2016. 288 p.

CARLSON, Marvin. **Performance. Uma introdução crítica**. Trad. Thais Diniz; Maria Pereira. UFMG. Belo Horizonte, 2009.

COUTINHO JORGE, M. A.; TRAVASSOS, N. P. **Transexualidade**: o corpo entre o sujeito e a ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 148 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 5 v. (Coleção Trans)

FAVERO, C. **O que é Sexualidade?**. Disponível em: www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/. Acesso em: set. 2019.

GUERRA, L. A. **Sexo, gênero e sexualidade**. Disponível em: www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/. Acesso em: jun. 2019.

LAURO, R.; TRINDADE, R. **Ética dos devires**: a potência de diferenciar-se. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/deleuze/etica-dos-devires/>. Acesso em: ago. 2019.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 96 p.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria Queer**. Tradução Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 232p.

VIANA, Fabrício. **O que é a Teoria Queer, de Judith Butler**. 2016. Disponível em: <http://paradasp.org.br/o-que-e-a-teoria-queer-de-judith-butler/>. Acesso em set. 2019.

MÚSICAS (DOCUMENTOS SONOROS)

Não recomendado. Intérprete: Caio Prado. Rio de Janeiro: Sofar Sounds, 2014.

Deixe me ir. Intérprete: Liniker.

BANDA ALMÔNDEGAS. **Androginismo.**